

7º Concurso Literário

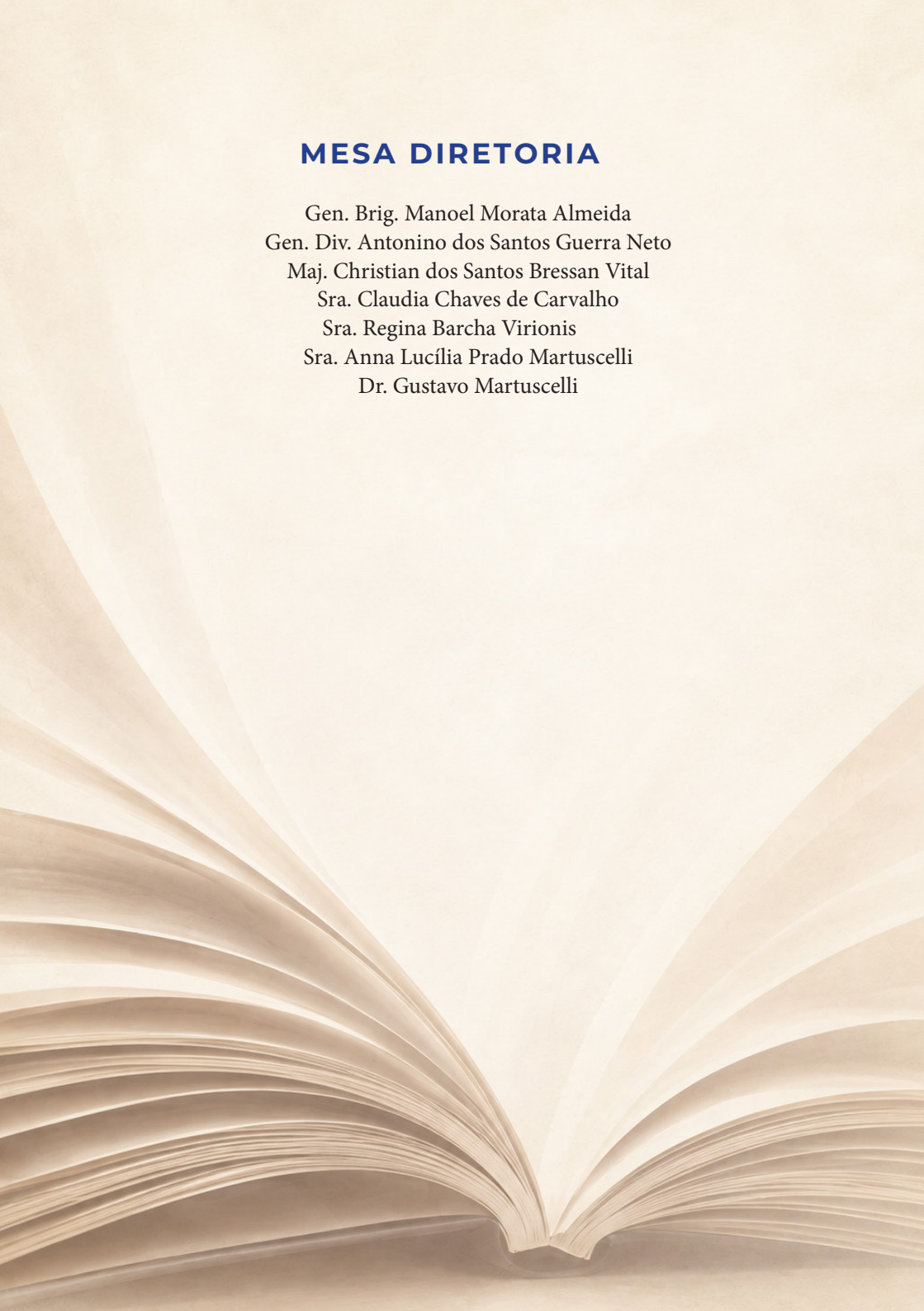
CÍRCULO MILITAR DE SÃO PAULO

Categorias: Conto, Crônica, Poesia e Infantojuvenil

Sua história pode inspirar gerações.

MESA DIRETORIA

Gen. Brig. Manoel Morata Almeida
Gen. Div. Antonino dos Santos Guerra Neto
Maj. Christian dos Santos Bressan Vital
Sra. Claudia Chaves de Carvalho
Sra. Regina Barcha Virionis
Sra. Anna Lucília Prado Martuscelli
Dr. Gustavo Martuscelli



COMISSÃO JULGADORA

Euza Maria de Paiva Gomes
Maria Cecilia Pugliese
Marisa Laurelli Massabni
Renata Chaves de Carvalho
Rita de Cássia Siqueira López Vázquez
Thelma Prado da Silveira Gameiro
Vera Helena Cardoso de Mello Tucunduva Margarido



PARTICIPANTES

Anna Beatrice Vazquez Barsanti
Antonietta Montini De Níchile
Andre Gonçalves Mellagi
André Vasconcelos De Andrade Nogueira
Carlos Augusto Rosin
Célia De Mello Chueire
Débora Viana Venturine
Dulce Da Conceição Borges Dos Santos G. De Araujo
Eneida Terezinha Franco Tolesano
Elisa Thomioka
Evaldo Bartolomei Vidal
Felipe Faria Da Cruz
Glaucia Ely Nogueira
Isabella Lynch Mazanoff
Isadora Thomioka Santos
Ivani Romano
João Frederico Pereira Paredes
Laura Karam Delbim Ricci
Liliane Calheiros Basile
Lucia Mara Palomo
Maria Cristina Castro Silveira
Maricy Elisabeth Montenegro
Mauro Iedo Caldeira Imperatori
Oswaldo José Das Dores Neto
Pedro Antonio Amadeu
Raul Gazetta Contreras
Sergio Henrique Do Amaral
Sophia Laurelli Massabni

CATEGORIA

Contos

PARTICIPANTES

Andre Gonçalves Mellagi

André Vasconcelos de Andrade Nogueira

Anna Beatrice Vazquez Barsanti

Dulce da Conceição Borges dos Santos G. de Araujo

Isabella Lynch Mazanoff

Isadora Thomika Santos

Elisa Thomioka

Ivani Romano

João Frederico Pereira Paredes

Liliane Calheiros Basile

Pedro Antonio Amadeu

Raul Gazetta Contreras

1° LUGAR

PRÉDIO CINZA

Na Rua Arthur Tristão ou Rui Tristeza ou Real Tristonho, (não recordava bem o nome da rua), tinha um prédio.

Esse prédio ficou cinza. O sol não batia nele. Sempre havia uma nuvem. As plantas do jardim estavam murchas, secas e sem vida. Só havia duas estações ali: outono e inverno.

Dona Luzia, a faxineira, limpava. Mas por mais que passasse o pano, o tom cinza não saía. E esse cinza não era de sujeira.

Os funcionários eram calados em tons amarelados.

Os moradores não se falavam, fugiam de qualquer contato. Se alguém esperava o elevador, o outro descia pela escada. A maioria eram pessoas idosas, meio esverdeadas, cujas vidas se esvaiam aos poucos, minuto a minuto. Quase dava para ouvir o ponteiro dos segundos.

Se havia criança, nunca se via, nenhuma brincava no pátio. Era tudo silencioso. De fato, só se podia ouvir o vento uivando, amontoando poeira e tristeza pelos cantos.

Um casal, recém-casado, todo apaixonado que passava pelo bairro, procurava um lar para morar. Como não tinham muito dinheiro, a imobiliária da Dona Eduarda recomendou o prédio cinza, onde tudo era mais barato e quase já não tinha valor, ou talvez onde tudo meio que não tinha mais importância.

Sem muitas opções, o casal se mudou. Quando entraram no apartamento pareciam que estavam num Iglu no polo norte. Era um apartamento bem engraçado. Tinha tudo, mas parecia que não tinha nada. Ou, talvez, tudo estava pela metade.

E aquele casal começou a arrumar tudo. Com muito cuidado com muito carinho. O apartamento foi ficando inteiro inteirinho.

Em alguns dias, de enfeite, havia até flores: rosas, margaridas e girassóis.

O amor do casal fazia com que o perfume da limpeza, da arrumação e das flores exalasse pelas outras unidades.

Do quarto daquele casal, o vento levava, através das silenciosas alas do prédio e por seus corredores escuros, as gargalhadas, as brincadeiras, os carinhos, as gentilezas e as juras de amor.

E, por mais estranho que possa parecer, quem via o prédio cinza de

fora, avistava um pontinho colorido brilhando forte: era a janela do apartamento do casal.

Se prestasse bem atenção através da janela era capaz de ver os dois dançando e comemorando qualquer coisa, às 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, sábado e domingo. Para eles, todo dia era dia de celebrar a vida.

Essa consistência do casal no começo incomodou. Muitos vizinhos reclamaram e até anotaram queixa no livro do condomínio. Mas, depois, a consistência virou coerência e até persistência e isso mudou algo no prédio cinza.

Afinal, nem sempre o prédio foi cinza, dizia a Dona Athaíde do 2º andar.

Então, devagar, os raios de sol começaram a tocar o prédio cinza. As nuvens começaram a se dissipar.

As plantas do jardim começaram a brotar e em pouco tempo as amoras voltaram a cair do pé, e os periquitos vinham até ali para tagarelar logo cedo.

O verão apareceu e logo trouxe sua primavera.

Dona Luzia se esmerava na limpeza e os metais brilhavam como ouro, prata, bronze e cobre.

Os funcionários, mesmo 24 horas na guarita, diziam bom dia, boa tarde e boa noite. Já não eram mais amarelos... não dava para ver exatamente o novo tom lá dentro da guarita.

Os moradores começaram a se falar, não só tomavam o elevador juntos, como davam o lugar e, assim, muitas outras gentilezas começaram a circular.

Os idosos, mesmo com muleta, bengala ou andador, desciam para o sol e para compartilhar sabedoria. Eles não estavam mais verdes, mas tinham grandes bochechas rosas e a vida começou a pulsar em câmera lenta para eles. Aliás, olhando dentro da guarita, prestando bem atenção, os funcionários também tinham bochechas rosas e sorrisos simpáticos.

O mais divertido foi que se descobriu que havia crianças, dezenas delas. E a algazarra do pátio entre os velhinhos e as crianças, podia ser ouvida na rua. E não tem som que dê tanta paz e cause sentimento mais alegre e libertador do que esse de um monte de criança brincando de um monte de coisa que você não consegue discernir. É perfeito como o cheiro da manteiga derretendo no pão francês fresquinho no café da tarde: “Gabriela, Dominique, Matteo, Iaccoppo... venham tomar café, meninos” – gritava um pai da janela para o pátio. E lá se iam os 4 e mais 5 ou 6 crianças acabar com

os pães daquela tarde...

Enquanto isso, a brisa passeava tranquila, calma e serena pelo pátio, emaranhando o cabelo da esposa do casal, que sentada em um banco, acompanhava a bagunça da criançada e só abandonou a leitura de seu livro para olhar o marido na janela.

De noite, o ponto brilhante colorido se multiplicou e em todas as janelas do prédio cinza se brindava, se dançava, se comemorava, não importava que dia fosse, nem que horas iria se levantar no dia seguinte, nem se tinha algo importante a fazer. Nada é mais importante que celebrar mais um dia de vida.

E quem passava lá naquela rua, já via que o prédio que tinha ficado cinza, agora tornava a ficar colorido outra vez. Graças a sementinha que aquele casal plantou, regou, perseverou, o amor, agora, brotou.

A imobiliária da Dona Eduarda mudou sua política porque os apartamentos do prédio, agora colorido, eram os mais procurados, os mais caros e tinha até fila de espera.

Depois de tudo isso, até a Rua mudou de nome: Rua Mirella da Alegria ou Meire Ellen da Felicidade ou Mari do Sorriso, (também não recordava bem o novo nome da rua), mas qualquer um destes faria todo sentido.

Esse é um texto de ficção, qualquer semelhança com fatos, nomes, datas, pessoas e situações reais terá sido mera coincidência.

PSEUDÔNIMO: MICHELLE ITALIANO
RAUL GAZETTA CONTRERAS

2º LUGAR

SETE PALMOS DE TERRA

Era segunda-feira. O sol nem tinha despontado e já se ouviam os murmurinhos pelas ruas do bairro anunciando a tragédia.

Sim, o corpo estava estendido no meio da praça. "Mainha", dona do corpo desfalecido, era mãe de uma vasta prole. Crianças mirradas que foram crescendo e se espalhando pelos arredores da cidade. Mas nenhum deles estava por perto para socorrer.

A cidade era perdida no nada, perto dos confins do sertão, onde Judas já andava descalço havia muito tempo, sem suas famosas botas, como diz o dito popular. Era difícil achar ou chamar alguém, então só mesmo quando o murmurinho das beatas entoasse forte é que os filhos saberiam do óbito.

"Mainha" era pessoa brava e destemida. Ninguém se engraçava com ela, porque sabia que logo sentiria a bengala estalando em seu corpo. Quem convivia mais de perto conhecia seu lado bom. Aquele do coração gigante de amor e compaixão. Não era por todos os pobres como ela, e sim, por alguns miseráveis que, não se sabe bem por quê, encantavam seu coração compassivo.

A esses ela ajudava, dividindo a refeição e a roupa do corpo, se preciso fosse. Bem-aventurados os que caíam em sua graça, porque teriam a vida ganha, não importava se, aos olhos dos outros, não merecessem. Uma vez adotado por "Mainha", sempre sob sua tutela.

Farei um parêntese para explicar ao caro leitor que chamaremos apenas de "Mainha", "Painho", "Esse" e "Aquele Outro", porque os nomes são muito difíceis nessas terras longínquas. Na verdade, nem são nomes. Devem ser combinações de coisas e estranhezas que resultam na denominação registrada no cartório.

Ninguém ousou mexer no corpo, tal a fama da braveza de "Mainha". As pessoas foram chegando e causando aquele alvoroço na rua, agora com o sol despontando. Ouviam-se vozes mandando chamar o delegado, o doutor, a polícia e o padre, mas ninguém foi. Afinal, ir buscar "Esse" ou "Aquele Outro" seria perder o lugar reservado no camarote do evento do mês.

O primeiro a chegar foi o padre, que logo indagou se tinha sido "morte morrida" ou "matada". A multidão apenas se entreolhava, sem nada saber do assunto. Sem respostas, o pobre padre apenas lamentou não ter chegado a tempo de dar a extrema-unção. Passou a rezar em latim, acompanhado das beatas que se achegavam para compor o coro.

O delegado e o policial chegaram juntos, lamentando a morte de "Mainha". Nem dúvida tiveram de que era "morte morrida". Apesar de valente, "Mainha" era mirrada e aparentava ter bem mais idade do que a registrada na certidão, com aquele corpo maltratado pelo sol e pelas agruras da vida nos confins do mundo.

O sol estava a pino quando resolveram transportar o corpo para os preparativos do enterro. Quem estava perto pensou ter ouvido um gemido quando ergueram a defunta do chão. Um da prole arriscou dizer:

- É "Mainha" reclamando que demoraram muito e agora, com as costas doendo e sem a bengala, ela não pode acertar a canela de ninguém.

- Pessoa de santo forte é assim - disse o outro. - Até do Além manda recado para assombrar as almas dos perturbados.

A essa altura, a cidade toda já tinha batido a poeira do traje preto para o enterro marcado para o último horário. O acontecimento do mês estava com plateia garantida até o último minuto. Todos compareceram porque, naquela pacata cidade, um evento desses serve para muitas coisas além de saudar o defunto.

Pelos trajes, se sabia a intenção dos presentes. Os do tipo burca eram das beatas, que garantiam o coro em volta do caixão. Coro que intercalava reza e fuxico.

Os trajes mais curtos eram das moças solteiras. E a ausência de pano cobrindo o corpo, aumentava conforme a vontade da rapariga inupta de encontrar um bom partido. O velório era a ocasião perfeita para ser consolada por um bom rapaz de família ou até mesmo, um rapaz de família boa - a depender do tempo de vida restante da celibatária.

O comércio também baixou as portas. Os donos dos botequins se encontraram para continuar a prosa. O lugar era perfeito porque poderiam prestar suas últimas homenagens à falecida, ao tempo que bradavam suas longas conversas e gargalhadas entre amigos, sem a interferência das suas senhoras que, em coro, rezavam ao pé do caixão.

O doutor era o único feliz com o evento. Não pôde ir porque estava de plantão na UPA, que ficou vazia com a notícia da passagem de "Mainha". O doutor médico arriscou pensar que "Mainha" tinha um certo dom de cura. Milagrosamente, fez as dores e as enfermidades sumirem do aglomerado de pessoas que aguardavam atendimento.

Quem sabe um dia desses descobrem os dons de "Mainha" e ela vira santa. Tem até nome: Santa "Mainha" dos Confins do Mundo. Seu corpo franzino, apoiado na bengala e com aquele sorriso mirando a canela de alguém, seria a imagem a ser adorada pelos devotos.

O prefeito também veio. Chegou apressado, pedindo desculpas pelo atraso. Saiu distribuindo os santinhos. Para espanto da oposição eram santinhos políticos. Ano de eleição, e o prefeito não poderia perder oportunidade tão auspiciosa. De nada adiantou toda a indignação verbalizada pelos partidários que almejavam o lugar do atual dirigente. O prefeito falava tão bem de "Mainha" enquanto distribuía o panfleto que o povo se encantou com o gesto e até beijava a foto estampada.

O prefeito respondia a tudo sobre a vida de "Mainha". Por sorte tinha um assessor ligeiro nos pensamentos, formado na escola da Capital, que passava as frases prontas. Todas inventadas, porque nenhum dos dois conhecia verdadeiramente "Mainha" até aquela manhã fatídica.

A prole de "Mainha" também chegou a tempo. Pediram licença às beatas para rezarem em volta do caixão. Choraram um pouco, rezaram outro pouco e logo começou a discussão sobre o que ficaria com quem. "Mainha" ficou brava, e seu corpo fez alguns barulhos que assustaram os herdeiros. Claro que eram apenas a ação das bactérias intestinais fermentando, mas todas cumprindo as ordens da falecida. Afinal, mal o seu corpo tinha esfriado e aqueles pestes estavam discutindo novamente.

Dois bancos novos, uma mesa de madeira, uma Bíblia com capa de couro surrada, meia dúzia de roupas e dois pares de sapatos, sendo um deles um chinelo. Esse era todo o motivo da discussão. "Mainha" morava de aluguel, fato que pegou toda a prole de surpresa e dispersou todos pelo salão.

O evento teve seu encerramento com a descida do caixão. Já a sete palmos da terra, o santo homem benzeu pela última vez "Mainha" que descansou em paz. Quem estava próximo aproveitou para esticar a cabeça e disputar as poucas gotas de água benta lançadas pelo aspersório do padre.

As raparigas, entristecidas pelo encerramento da festa e sem sucesso na busca de um bom partido, já se amontoavam, tentando a sorte em adivinhar quando seria a próxima oportunidade. O resto retornou as suas casas, e a vida seguiu nos confins do mundo.

Ao leitor atento que percebeu a ausência de "Painho" no enterro, informo que ele não pôde comparecer porque já passou para outro plano bem antes de "Mainha", emboscado na esquina por um marido enciumado com um fuxico de traição. Mas isso é "causo" para outra oportunidade.

PSEUDÔNIMO: EMI POULAIN
ELISA THOMIOKA

3° LUGAR

AINDA SOMOS OS MESMOS

Francisco era formalmente idoso, já ido nos sessenta, mas resistente ao rótulo. Achava estigmas um absurdo. Ser idoso não significava usar bengala, nem ser corcunda, como placas indicavam. É bem verdade, cedeu à marra e tirou um cartão na CET, para ter melhores chances de estacionar o carro quando necessário. Também ficava indignado ao ver a exploração que alguns faziam com o privilégio, como famílias inteiras, fortes e sacudidas pegando carona e furando filas no vácuo dos avós. Nunca abusaria ou deixaria que abusassem de sua condição.

Idiossincrasias à parte, tinha muita experiência acumulada, particularmente para lidar com crianças. Passou a infância apreciando muitas atividades com seu pai e com amigos, como futebol de botão, bola de gude, pipa e carrinho de rolimã. Assim, seu tempo de lazer era consumido, inventando, construindo e interagindo ao vivo com os demais. Mesmo o futebol, com traves improvisadas e bolas feitas com o que pudesse ser chutado, tudo tinha uma elaboração, cheia de improvisos, para execuções absolutamente imprevisíveis.

Por mais longe no tempo que tenha ficado essa fase na vida de Francisco, ele, até empolgado em alguns momentos, surfava nas evoluções da nossa sociedade. Assíduo nas redes sociais, assinante de streaming, usuário de inteligência artificial, sabia incorporar as novidades em sua vida.

Entretanto, estranhava a dedicação de todos às telas, cada vez mais individuais. Lembrava de sua infância com brincadeiras criadas na hora por uma turma de amigos. Agora via tudo muito empacotado, vindo de longe, digital, intenso, mas artificial demais para o gosto dele.

Os benefícios da tecnologia lhe traziam efeitos colaterais preocupantes – isolamento, ansiedade, individualismo. Francisco já se sentia conformado e seguia adiante, superando seus desafios pessoais, mas preocupava-se com o futuro. Onde tudo isso ia parar?

O ritmo frenético de despejo de informações embriagava, consumindo a atenção para um conteúdo pronto. Os jogos eletrônicos cada vez mais realistas, com recursos gráficos impressionantes, eram uma concorrência desleal às atividades de antigamente, que tanto demandavam criatividade, habilidades manuais, emocionais e resiliência para fazer e refazer.

Sempre atento com tudo, Francisco estava apreensivo em como po-

deria apoiar filhos e, principalmente, netos, nessa correria desenfreada de afastamento do que ele entendia de como ser autêntico e ter a felicidade de conceber uma coisa sua, a partir de sua própria imaginação.

De repente as férias vieram – um oásis para os ainda não aposentados. Nelas, Francisco conseguia viajar e passar um tempo com parte da família que vivia distante e com os netos. Os pequeninos eram uma dádiva, mas vinha com eles a preocupação com a pasteurização da imaginação, trazida com a virtualização dos jogos.

Logo no primeiro dia, o encontro. Muita felicidade, mas a apreensão latente – como seria a interação com eles nesse período? Como seriam as brincadeiras? No tablet?

Lucas, o mais velho, muito ativo, sempre com carrinhos miniatura na mão, estava lá. "Vamos brincar?", Francisco arriscou – sem computador, tablet ou vídeo. A resposta foi um sonoro sim. Francisco, esperançoso, arriscou propor algo para construírem - havia blocos de madeira nos brinquedos, muitos, à disposição. Mais uma vez, vamos! Um sorriso encheu seu rosto.

De proposta a proposta, a bagunça cresceu: blocos, carrinhos, bonecos. Tudo que havia por perto entrou na diversão. Para abrigar aquilo tudo, conceberam um forte - almofadas do sofá e um cobertor, preso com pregadores. Logo a civilização emergente precisou de mais um local. Outro forte foi construído. Os brinquedos viajavam de um forte para outro. Mais à frente, uma ilha, numa banqueta. Blocos viraram barcos, que atravessavam cautelosamente o mar repleto de tubarões. A pequenina Laura se engajou, provocando atividades ainda mais inusitadas para aquele recém-criado mundinho.

Como localidades têm nome, os fortes foram batizados: Babirusa e Sandy. O primeiro por conta de um animal que impressionou Lucas no zoológico. O segundo, provavelmente em homenagem a personagem de desenhos animados. O que importa?

Dia após dia, diversões novas, inusitadas, com o que havia disponível por perto. Ele se sentiu criança novamente, explorando com os netos infinitas possibilidades, aleatórias, autorais.

Aquilo era a esperança que ele precisava. Feliz com os netos, lembrou da infância dos filhos e da sua própria. Dormiu em paz.

PSEUDÔMIMO: CINCINATO SILVA
JOÃO FREDERICO PEREIRA PAREDES

INFANTOJUVENIL: 1º LUGAR

DEFESA À MARIA ANTONIETA

Nota e observações da autora

Neste conto, gostaria de imaginar que sou a advogada de Maria Antonieta, esposa de Luis XVI. Estou na França e vou apresentar este meu texto aos que historiadores que a tornaram uma rainha injustiçada. Antes de começar meu exercício de defesa, gostaria de fazer um pedido ao leitor, seja quem for. Eu realmente adoraria um pouco de humildade.

Realmente, meu único objetivo é defender alguém que nunca teve a chance de falar e, possivelmente, não teve um bom advogado. Se Maria Antonieta tivesse tido a oportunidade de ser ouvida e verdadeiramente tido sido apresentado também o outro lado da história, o que poderia ter sido dito? É a partir dessa pergunta que começo o meu texto, com muito carinho.

Primeiramente

Ou, simplesmente, por primeiro, gostaria de começar minha tese falando sobre outro assunto, embora ele se entrelace com o tema principal: a pena de morte. Alguém que é contra a pena de morte é, necessariamente, contra a guilhotina. Se alguém defende a morte dela e, ao mesmo tempo, é contra a pena de morte, essa pessoa é hipócrita e contraditória.

Na minha opinião, a pena de morte não deveria nem existir. Quem é o ser humano para decidir se alguém tem ou não o direito de viver? Quem decide isso é Deus. E, se Ele decidiu dar a vida a uma pessoa, quem somos nós para tirar esse direito?

Segundo ponto: Maria Antonieta era, claramente, uma vítima

Vamos olhar para Maria Antonieta de uma maneira um pouco mais piedosa? Antes de ser uma rainha, ela também foi um ser humano. Foi uma mulher, uma criança, uma adolescente, uma esposa, uma mãe, um ícone da moda, uma consumista — a verdade seja dita —, uma diva e, acima de tudo, também uma VÍTIMA. Seu pai morreu quando ela tinha apenas nove anos. Sua relação com a mãe era extremamente difícil. Maria Antonieta chegou a dizer que não amava a sua mãe, mas que a temia. E ela foi forçada a se casar com o rei da França aos 14 anos, sendo levada para um país estrangeiro, convivendo com pessoas estranhas. Na França, como futura rainha, ela praticamente se tornou propriedade da França. Não tinha nenhuma liberdade.

Imaginem isso para uma menina de 14 anos? Seu corpo, seu comporta-

mento, seus hábitos, seu casamento e, até mesmo a sua capacidade de gerar um herdeiro passaram a ser assuntos de interesse público. Além disso, os franceses a chamavam de chienne, que quer dizer cadela, vadia, e de "austríaca". Detalhe: ela teve diversos momentos bem constrangedores. A corte francesa a observava a cada momento mais íntimo, até mesmo perdendo a virgindade, por exemplo. Começaram a culpá-la por não engravidar. E ela era literalmente uma criança, que não sabia como as coisas funcionavam.

Houve também o caso do colar, que ela reconhecidamente não era culpada, mas foi colocada a público como sendo a culpada pelo escândalo. Então, diante desses fatos e de sua idade, vamos tentar entender um pouco o seu consumismo. Ela foi super infeliz, e uma das poucas alegrias da vida dela era gastar.

Por terceiro.

Obviamente, a população francesa a odiava. Além de ser uma mulher, ela era estrangeira. A França precisava de um inimigo em comum para uni-los. E adivinha quem foi a escolhida? Lógico que a rainha não francesa. Houve rumores falsos, entre eles, a suposta fala, "se não tem pão, que comam brioche". Não há nenhuma evidência que ela tenha dito tal frase. Por sinal, a frase já tinha sido escrita bem antes dela chegar na França pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau "qu'ils mangent de la brioche", isso quando Maria Antonieta era ainda uma criança. Além disso, culparam a diva, pelos gastos de um país inteiro. Como é possível um indivíduo endividar e quebrar a economia de um país? Dica, não é possível. Na verdade, os gastos da corte francesa em 1788 com luxos estavam quase iguais aos gastos com ajuda aos pobres e escolas. Esses gastos eram da corte como um todo e não dela. A grande questão é que a França tinha dívidas enormes pela baixa produção, gastos com guerras e o apoio dado à independência dos Estados Unidos da América.

Quarto ponto, a boa pessoa

Provavelmente, Maria Antonieta era uma boa pessoa, sem poder de fala. Muitos fatos sobre ela não são comentados. Entre eles estão: ela teve quatro filhos biológicos, mas adotou outros três, e parecia ser de fato uma mãe dedicada; era gentil; durante períodos de fome, ela cancelava eventos e festas; fundou um abrigo para mães solteiras; demonstrava preocupação e afeto pelo povo francês em cartas escritas para sua mãe; visitava com frequência hospitais e instituições de caridade; nem gostava tanto do luxo da corte e preferiu viver em na Aldeia da Rainha; suas últimas palavras foram "Pardonnez-moi, monsieur, je n'ai pas fait express", pedindo desculpas ao

seu carrasco por ter acidentalmente pisado em seu pé. Maria Antonieta foi ridicularizada pela França, constantemente observada na prisão, inclusive para trocar de roupa. Diferentemente de seu marido, foi levada à guilhotina em uma carruagem aberta, com as mãos amarradas para trás e cabelo cortado. Inclusive, seu cabelo ficou todo branco na noite anterior à sua execução pelo estresse. Ela foi vaiada e humilhada pelos franceses na rua durante o trajeto.

Quinto ponto, Maria Antonieta foi um ícone

Ela se utilizava da moda para ajudar. Ela permitia que sua estilista, Rose Bertin, lançasse designs semelhantes às suas vestimentas. Antes as roupas serviam para diferenciar as classes sociais e ela uniu e diminuiu a distinção entre classes. Por esse fato e outros mencionados anteriormente, eu fiquei inspirada para defender esta diva mal compreendida. Talvez porque eu realmente goste dela, talvez porque esse tópico não sai da minha cabeça, e talvez, o mais provável, porque se eu fosse ela, faria o mesmo. Agora, para finalizar e deixar o clima menos pesado, vou fazer uma graça sobre uma mulher que não tinha o menor controle sobre a própria vida e, muito menos pelo futuro da França, me inspirando naquela frase que atribuíram a ela. Aquela frase: "Se não tem pão, que comam brioche." Se você não pode escolher o futuro do país que você reina, que escolha bem suas joias e vestidos.

PSEUDÔNIMO: A ADVOGADA DA AUSTRÍACA
ANNA BEATRICE VAZQUEZ BARSANTI

INFANTOJUVENIL: 2° LUGAR

ANTIGA VISITA

Bateu na porta três vezes:

Toc. Toc. Toc.

Uma voz responde seguida pelo barulho de uma bengala.

-Minha querida você veio! – responde uma senhora, já passando dos 84 anos. Cabelos um tanto ralos e brancos, vestido florido coberto de chalés e um sorriso caloroso.

-Mas é claro, eu sempre venho! – responde a mulher

-Eu sei disso. – diz com um sorriso gentil – Entre, entre, vou fazer um chá para nós.

A outra agradece, tirando os sapatos ao entrar na pequena casa, fechando a porta atrás de si.

-Fique a vontade, você já é de casa. Pode se sentar no sofá enquanto preparo tudo. – indiciou com a bengala o móvel coberto por lenços e cobertores, onde um gato descansava calmamente no local. Não é belo? Uma pequena vida tão frágil, alheia dos problemas do mundo...

-A senhora não quer ajuda?

-Não precisa meu bem. Estou velha mas não imprestável! – A senhora diz com humor, pegando um par de xícaras

-Deixe-me ao menos te ajudar a esquentar a água. – se dirigiu até a cozinha.

Água, chaleira, mel ervas... Conhecia como ninguém o gosto de Aurora para chás. Também era difícil não conhecer tendo a visitado tantas vezes.

O tilintar das louças sendo posicionada, a chaleira repleta de ervas apitando. Tudo tão calmo. Era como uma dança ensaiada diversas vezes. E assim como um espetáculo apresentado me palco, depois de uma ação sempre vinha outra.

Com o bule em mãos, foi até o sofá, onde a dona esperava calmamente na poltrona em frente. Sempre tão calma... A idade traz uma sabedoria imensa. É como se ela soubesse exatamente como o mundo funcionava.

Indicou o móvel com uma mão, e ela se sentou, tirando o capuz que impedia que sua face fosse vista com mais detalhes.

-Me conte... Como vai a vida?

-Movimentada eu diria... – deu uma risada sem graça - Não ando tendo

tempo para mais nada...

-É uma pena que sua vida esteja tão corrida... E como vão seus amigos?

-Sabe que não tenho amigos, Aurora. Deveria parar de insistir nisso. – alterou a frase quando olhou nos olhos da mulher a sua frente – Você é uma das poucas exceções...

-Não se preocupe... um dia vai achar pessoas que te aceitem assim como eu...

-A outra apenas sorriu tristemente e voltou sua atenção para o chá em suas mãos

O relógio batia. O tempo passava. As duas continuavam ali. Apeas desfrutando da companhia uma da outra.

-E então... Como vai o gatinho que eu achei na rua esses dias? Pobrezinho... Estava morrendo de fome quando eu o encontrei...

-Vai muito bem! Agora ele vive com uma família muito carinhosa!

-Que bom! Fico feliz que ele esteja bem!

A senhora terminou a chá e disse:

-Bom, não vou mais ocupar o seu tempo. – apagou a vela que já estava no fim em cima da mesinha, passou a mão pelo gato, que ronronou pelo carinho gostoso que recebia de sua dona – Vamos.

-Para onde? – suas mãos tremeram, quase derrubando a xícara.

"Não..." Pensou "Não era possível..."

A senhora apenas deu uma pequena risada e sorriu de forma carinhosa

-Não precisa fingir. Não precisa me consolar. Não vou te implorar nem lutar contra você. Hoje eu sei que minha hora chegou. Vamos minha antiga companheira, já não é a primeira vez que eu te vejo levar alguém. Partirei dessa vida feliz, por ter passado momentos tão bons ao lado das pessoas que eu amo. Não precisa ter medo, faça o seu trabalho. Sei que vou te encontrar em outra vida. Me leve, minha cara M

PSEUDÔNIMO: AURORA
ISADORA THOMIOKA SANTOS

GOIABEIRA

Juju grita da porta da cozinha: “Galeeega, vem cumêe!

Lá no fundo do quintal entre as mangueiras, árvores de fruta-pão e goiabeiras, ela ouve o chamado. Sente o vento no rosto da torre da goiabeira e pensa: “Ahhh, não! Almoçar agora e depois ter que ficar quieta! Só posso voltar a brincar depois da “siesta”! Que saco!”

Desce mal-humorada, lava as mãos e senta-se com os adultos. As crianças comem na cozinha, mas ela já é uma mocinha! O mormaço é intenso... Tudo é silêncio... Só os pássaros lá fora brincam... Todos fazem a “siesta”. Ela está deitada de olhos arregalados debaixo do mosquiteiro. “Que calor!” Só o ventilador e o mosquiteiro se movem!

O relógio de pêndulo da sala bate três badaladas. Dá um pulo da cama e corre para o jardim. Sobe na goiabeira. De volta à torre do seu castelo. Sorri.

Do outro lado do muro, a casa dos meninos está movimentada. Do pé de goiaba, por entre galhos e folhas, consegue ver o que acontece. De repente, o menino fixa seu olhar no dela. Grita: “ Tá olhando o que, pirralha?” Ela se assusta, o sangue corre nas veias. Desce, pega uma pedra. Sobe novamente, faz pontaria e atira. Em cheio! Na testa do pirralho!

O sangue desce, o coração acelera. Passa que nem uma bala pela cozinha. Juju reclama: “Mas o que deu nessa menina, hoje?! Parece que viu assombração! Bate a porta do quarto e fica bem quietinha... “O que vai acontecer comigo?”

O tempo passa. Os dias também. Baile de Carnaval no Clube Fênix. O conjunto toca as marchinhas carnavalescas. Todos fantasiados dançam em círculo. Alguns sós, outros em pares, grupos. Ela está fantasiada de Colombina. “ Eu sou aquele Pierrô...” Sente um leve toque no ombro. Quando vira, vê o menino. Ele pergunta: “Qué dançá?” Ela olha intensamente para ele. Acima da sombrancelha direita, uma pequena cicatriz. Ela sorri e diz: “Bora”.

PSEUDÔNIMO: NUVEM PASSAGEIRA
LILIANE CALHEIROS BASILE

PROCURA-SE

Procura-se idosa. Não, muito formal. Procura-se velha? Também não, meio agressivo. Que tal um "procura-se vó"? Com certeza seria a melhor opção. Quem não gosta de uma avó, ainda mais se for daquelas que cozinha, mima e parece incapaz de ficar brava? Queria daquelas capazes de realmente estragar uma educação, de dar doce escondido, subverter qualquer castigo na sutileza de olhar cúmplice. Mas não queria uma avó para compensar a falta de afeto, isso resolveria num divã a peso de ouro. Se cada sessão custava um rim, mesmo que o seu estivesse capenga e cheio de pedras, seria o preço a pagar. Ou em conversa com AI, tecnologia sem diploma? Não, a única resposta das máquinas era concordar, amadores e puxa-saco. Por isso precisava do dinheiro. E não apenas isso, é claro: queria também comprar a felicidade que o trânsito travado consome, que o ar poluído empesteia e que os remédios controlados não parecem capazes de conceder. Com grana farta teria passe livre para uma vida de conforto ilimitado, a única dor de cabeça seria xingar as leis trabalhistas quando processado por algum ex-funcionário. Ah, a vida de marajá! E ainda com o benefício do anonimato, caindo tudo nas costas da testa de ferro. Se ninguém conhece, ninguém atrapalha. Mas para que tudo funcionasse de acordo com as engrenagens de um destino favorável, carecia unicamente da mais inocente - e espontânea, isso seria fundamental - velhinha. Se estivesse para bater as botas, o apelo seria dramático. Daqueles que só as histórias mais tristes conseguem produzir em um público ávido por tragédias. Em caso de doença e não excesso de velhice seria melhor ainda: pediria doações, faria vaquinhas, roubaria dos ricos - e dos nem tanto - para lucrar na rebarba de confiança cega. Não seria Robin Hood numa hora dessas, pelo contrário! Se fosse respeitável senhora de caráter duvidoso, quem sabe não faria umas propagandinhas de aposta, assim na ingenuidade de quem acha amistosos os tigres. Mas bom mesmo seria se fosse engraçada, daquelas bem sem noção e boca suja, que não se importam em abraçar o besteirol como quem diz "ah, nessa idade eu não ligo mais pra nada!". O alcance da performance, a conexão com o público, o senso de identificação… seria encontrar petróleo no quintal. Pena que todo quintal parecia ter dono, maldita a propriedade privada dos outros. Queria era a sua propriedade em condomínio fechado no interior, distante de qualquer contato com a miséria humana e próximo ao centro de squash. Sempre pensava em praticar esportes de raquete, impunha respeito. A dúvida era onde e como. Encontrar a vovó de

que jeito, se os anúncios se fazem pela internet? Classificados não existem mais, jornais então quase mortos. Primeiro teria que comprar um celular, depois teria que aprender a mexer. Poderia talvez contratar um estagiário, não pesaria tanto no orçamento. Ele com certeza saberia muito sobre redes sociais, sobre essa coisa de viralizar e como de fato explicar o caminho entre a visualização e o dinheiro caindo na conta. Poderia inclusive ser alguém com idade para ser seu neto, caso tivesse família. Se não fosse tão introvertido, poderia ele mesmo brincar de ser influencer. Era esse mesmo o nome?

PSEUDÔNIMO: JOÃO FERNANDES
ANDRÉ VASCONCELLOS DE ANDRADE NOGUEIRA

PROJETO DAVID

Para contar esta história, precisamos mergulhar no tempo, ano 1992, mais exatamente, novembro. O cenário, uma escola de ensino fundamental pública, localizada em um bairro afastado do centro da cidade e, importante precisar, a sala da diretora.

Nesta escola, eram desenvolvidos, ao longo do ano, muitos projetos educacionais, com a finalidade de ampliar e enriquecer o cumprimento do currículo escolar. Neste mês, estava em andamento "A Semana da Correspondência", que tinha como objetivo, incentivar a escrita de cartas, praticar a comunicação escrita. Cabia à escola, a distribuição de envelopes para todos que desejassem participar - não era obrigatório; podiam participar, não só alunos, mas também professores, funcionários de todos os segmentos (administrativos, limpeza, cozinha, vigilância...) diariamente, as cartas, eram entregues aos destinatários, o que gerava respostas, intensificando assim o movimento da comunicação entre todos, e o cotidiano da escola.

A diretora da escola recebia muitas cartinhas, diariamente: umas com sugestões, outras com reclamações, outras com solicitações, outras para contar sobre um acontecimento... e muitas com desenhos de florezinhas, corações, animaizinhos, versinhos, frases carinhosas; estas últimas, vinham, principalmente das crianças menores.

Um dia, a diretora recebeu uma carta diferente, de um aluno da 5ª série, de 11 anos de idade. O texto é bastante diferente das demais, recebidas até então: objetivo, direto, focado, permeado por palavras de respeito, educação e ao mesmo tempo afetivo. Solicita uma reunião, para mostrar um projeto que gostaria de desenvolver na escola.

A diretora não respondeu de imediato; o montante de trabalho burocrático e providências para o encerramento do ano letivo, impediram.

No dia seguinte, chega a segunda carta, do mesmo remetente, onde, com palavras de muita educação e respeito, reitera a solicitação, da carta anterior.

Não dá para protelar a resposta.... muito menos, ignorar!

Ao invés de escrever uma carta, respondendo à solicitação, a diretora resolve chamar o aluno que, nessa hora, se encontrava em horário de aula. Despertou uma curiosidade muito grande em conhecer o projeto, e também, principalmente, dar atenção ao que o aluno se propõe desenvolver.

Em poucos minutos, aparece na porta, o autor das cartas.

Ao chegar à porta da sala, para. É formal. Pede licença para entrar.

E agora temos a " figura " personificada: um menininho magrinho, muito clarinho, cabelos bem curtos loiríssimos e encaracolados. E imensos olhos azuis, luminosos, dois faroizinhos, sobressaindo, quase saltando do rosto. E uma expressão cordial, mas muito séria.

Permanece em pé.

A diretora, pede que se sente na cadeira, `a sua frente.

A postura continua formal, cautelosa, mas não tímida.

Olá! Cumprimenta a diretora, procurando deixá-lo à vontade.

Então, estou muito curiosa para conhecer o seu projeto.

David, esse é o nome da "figura", começa então a falar, com voz firme e decidida, com total controle do comportamento e com objetividade.

Mostra um trabalho, em cinco folhas, feito por ele, totalmente à mão com desenhos, (ilustrações), textos em letra de forma e divididos, por títulos e sessões, ocupando o espaço de cada folha. Enfim, o formato de um jornal impresso,

A diretora se emociona. Segura a emoção.

Vai ouvindo e observando, apenas.

David, termina sua exposição, e aguarda.

Muito bom o seu trabalho! O que você deseja fazer?

E aí, vem a fala que transmite o seu desejo:

Quero permissão para fazer o jornal da escola.

Mais emoção! Controle.

Como você quer fazer? Como a escola pode ajudar?

Com muita segurança, David informa que já formou um grupo de trabalho, com colegas da escola, já fizeram várias reuniões, dividindo tarefas e responsabilidades, para a elaboração do jornal.

A diretora faz mais algumas perguntas técnicas, para entender melhor.

Respondidas todas as perguntas, a diretora percebeu que David e seu grupo estavam preparados para a execução da tarefa que se estão se propondo.

Mas, David tem mais algo a solicitar:

A senhora permitiria que cobremos uma pequena contribuição, para as despesas?

Neste momento, ficou muito claro, que se estava em frente a um empreendedor.

PSEUDÔNIMO: VIAGENS

DULCE DA CONCEIÇÃO BORGES DOS SANTOS ARAUJO

MIL DECIBÉIS

Eu já escutava o silêncio há muito tempo e, ao encontrar-se em uma situação dessas vai perceber, fica cada vez mais alto. Ensurdecedor. Era o que sentia todos os dias ao acordar. Não, não era o soar do despertador, eu lhe garanto, era mais alto. Já não conseguia ficar sozinha em meus próprios pensamentos. Quais? Exatamente.

Cantei. Sozinha. Cantei, pois se há silêncio então será silêncio à minha maneira. E no futuro eu vivia, havia de ser melhor que o silêncio, mas nem a nota mais alta do meu entoar era capaz de decifrar o que esperava por mim a cada pôr-do-sol. O ermo do meu tom era impossível de ignorar. Em minha canção singular a penumbra era palpável. Sempre um solo, uma performance para um, impossível harmonizar.

Os dias eram distintos, mas sempre com a rapidez que o ambiente esperava de mim. Por vezes caminhava com medo e, às vezes, brincava com o silêncio ensurdecedor. Quem olhava de fora poderia até pensar que estava satisfeita, mas a vida cobra, o mundo não poderia parar porque minha quietude interna apresentava cada vez mais desafios. Naquelas horas o pouco de fé que se fazia ver dentro de mim tentava emanar algum som, mas havia dias em que tudo era muito alto, eu só caminhava, seguia em frente. Eu já não ouvia mais nada.

Tropecei. É feio mentir. Trombei com uma presença que não se incomodou nem um pouco com o ocorrido. Atordoada pedi desculpas já não sei mais para quem. Me encontrava sozinha como sempre, mas era diferente. Era silêncio. E depois era uma criança rindo, um brinde entre amigos e um cachorro latindo para o galeto da padaria. Dentro de mim eu era capaz de escutar meus próprios sentimentos e eles tinham um tom. Era como se tudo tivesse desabrochado. Aquela dúvida já não se encontrava diante de mim, a quietude, que antes era de mil decibéis, agora era de zero. E eu podia ouvir. Uma sinfonia maravilhosa que me abraçava, todas as ideias, os planos e a volta da esperança, a doce melodia de um abraço e o percurso iluminado e sonoro de meus sonhos.

Poderia eu abraçar por completo o volume tão alto que inundava meu ser com imensidão? Não sabia dizer se era possível. Desde aquele momento, se o silêncio se fizesse presente, me sentia incompleta. Meu coração já não saberia mais qual ritmo das batidas seguir. Meu novo existir era mais claro do que nunca, com um arco-íris a orquestrar o compasso. Meu futuro

harmonizava.

Agora tudo parece até intenso demais, mas já não há mais medo, incerteza ou hesitação, apenas música.

PSEUDÔNIMO A. LIMA D.
ISABELLA LYNCH MAZANOFF

CONTORNOS

- Já faz quanto tempo que estamos aqui?

- Não sei. Não olhei as horas quando chegamos.

- Acho que já se passaram umas duas horas.

- Estranho. Acho que nem foram trinta minutos.

- É porque você não para de fotografar. Você se distrai tirando fotos enquanto me aborreço ao seu lado.

- Minha companhia é tão entediante assim?

- Não é isso. Eu mal te conheço. É que já cansei de ver a mesma paisagem de sempre.

- Mas não é a mesma paisagem. Não vê que estamos girando? Toda hora muda, tem vezes que estamos em cima, outras estamos embaixo.

- Mas sempre retornamos para o mesmo ponto. Ou seja, não saímos deste lugar e aquele campanário lá no alto do morro dá para ver sempre daqui.

- É verdade. Olha como é bonito.

- Não cansa de tirar foto daquele campanário?

- Eu consigo ângulos diferentes conforme nós giramos, para cima e para baixo.

- Para mim não muda nunca.

- É aí que você se engana. Ou já esqueceu de que aquela canoa flutuando sobre o lago só dá para ser vista quando nós descemos?

- Sim, rapidamente enquanto mergulhamos e logo voltamos a subir. E ela sempre está lá. Ou seja, nada muda.

- Mas olhe ao seu redor. As nuvens passam, as pessoas perambulam lá embaixo, alguns pássaros riscam o céu. Há muita movimentação vista daqui.

- Os mesmos pássaros, as mesmas nuvens, as mesmas pessoas. Você pode até me dizer que não são os mesmos, afinal uns partem e outros chegam. Mas para mim é a mesma categoria que enxergo. Nuvem. Pássaro. Pessoa.

- Mas estas categorias têm em cada elemento suas cores, suas formas, seus trejeitos diferentes.

- Pois é. Mas é tanta variedade que se abstrai perante o que é constante. Nuvem. Pássaro. Pessoa. Um tédio. Ah, e o campanário, que é o mesmo de sempre.

- Poderíamos nos conhecer para passar o tempo. Afinal nem sabemos quanto tempo estamos aqui e quanto ainda vamos ficar. Já perdi a conta das vezes que rodamos.

- E sem sairmos do lugar. Você aí sentado diante de mim tirando fotos e

eu aqui olhando a paisagem que já me cansou.

- Vamos combinar que já se passou uma hora. Eu acho.

- Quanto tempo era para nós ficarmos aqui?

- Não me avisaram. Nem o número de voltas.

- Será que ninguém se incomoda? Nem quem fica lá embaixo aguardando sua vez na fila?

- Só há eu e você nesta cabine. Jamais saberemos o que acham os que estão acima ou abaixo de nós. E para dificultar, estamos num momento acima e em outro instante abaixo de todos que viajam nesta roda que nunca para.

- E nem sai do lugar.

- Então, meu amigo. O que acha de nos conhecermos? Já tirei fotos suficientes daqui, embora nada seja o bastante se descobrirmos cada detalhe ao nosso redor, por mais monótono que seja. Nem era meu intuito, muito menos o seu ficarmos aqui olhando um para a cara do outro, afinal viemos aqui admirar a paisagem. Ver a cidade do alto. O campanário. Mas confesso que este passeio já me cansou. Posso saber seu nome?

- Roberto.

- Sério? Mas que bela coincidência! Meu nome também é Roberto.

- Olha só! Quem poderia imaginar, não?

- Veja, aquela canoa que estava lá embaixo partiu!

- Viu como algo mudou? Alguém deve ter ido navegar pelo lago.

- Sim, mas uma hora ela voltará a atracar no mesmo ancoradouro.

- A roda está parando!

- Poderemos sair, finalmente?

- Sim. Mas será que iremos algum dia voltar aqui? Nós dois? Na mesma cabine?

A roda gigante enfim estacionou. Da cabine, um homem saiu conversando consigo mesmo enquanto guardava uma máquina fotográfica.

PSEUDÔNIMO: ARJUNA PANDAVA
ANDRE GONÇALVES MELLAGI

UM MUNDO INCOMUM

Raimundo é um homem comum. Mas o que é um homem comum?

Cada um de nós pode ter um conceito diverso sobre as características de um ser humano que faça com que ele se sobressaia ou se dissolva na comunidade em que vive.

Mas há conceitos ambíguos: uma pessoa mesmo não sendo conhecida como antipática, pode não ser tida como simpática. Raimundo podia não ser considerado um homem bonito, mas ninguém diria que é feio.

Por isso ao contar sobre ele, o mais correto, sem dúvida, será dizer que Raimundo é um homem comum.

Não teve uma infância cercada de livros com capas duras e letras douradas perfeitamente dispostos numa bela estante na sala de estar. Seu contato com a fantasia foi unicamente através de sua mãe quando na hora de dormir o cobria com um cobertor aflanelado e lhe contava a história do Bicho Feio e da Bruxa Asa Negra. As cenas descritas pela mãe o amedrontavam mas não reclamava, pois essa era a única história que ela tinha para lhe contar.

Durante a adolescência começou a questionar suas crenças da infância. Se os passarinhos e as borboletas da floresta fugiam do Bicho Feio, por que ele não cobria seu rosto com a máscara do Super Homem? Se a bruxa Asa Negra tinha asas, por que usava uma vassoura para voar?

Estas foram as únicas indagações mentais que fez durante sua vida. Nenhum raio iluminou seu pensamento para ajudá-lo a ter uma resposta, e sendo assim, Raimundo sem raiva eliminou para sempre a sua curiosidade.

Ao chegar à juventude, ouviu dizer que para se tornar um homem respeitável deveria seguir três passos:

Ter um filho – de preferência do sexo masculino.
(assim teria alguém para acompanhá-lo nos jogos de futebol);
Plantar uma árvore – de preferência que desse muita sombra.
(e que lhe desse frutos saborosos, acrescentou);
Escrever um livro – sem preferência de gênero.

A idade adulta lhe trouxe muitas mudanças de emprego e de endereço, e com isso talvez um novo mundo estivesse à sua espera. Mas sendo um homem comum, dentro dele nada mudou.

Até que ao completar 65 anos, prestes a se aposentar e ter então mais tempo para pensar, passou em revista a sua vida.

Um filho ele fez, embora tenha sido com insensatez e regado a álcool numa madrugada fugaz após uma festa e com a parceria de uma garota que

havia acabado de conhecer.

Nunca comeu uma única fatia do bolo de aniversário de Mundinho, não acompanhou sua alfabetização na escola pública e nem balançou a rede em que ele dormia.

Até chegou a pensar, uma vez, em se redimir, mas tal pensamento partiu como um raio, assim como aconteceu com sua adolescente curiosidade.

A árvore plantou na calçada esburacada da rua em que na época morava, mas esta teve uma vida curta. Esquecia de regá-la e não a cuidava como se cuida de um filho único, uma plantinha que a cada dia abriria uma nova folha para receber o sol. Seu frágil e teimoso tronco foi atacado por cupins, e com suas raízes fracas e mal fixadas ao rés do chão, seus finos galhinhos já quase apodrecidos, foi derrubada pelo primeiro vendaval de outono.

Nenhuma folha de papel de um único livro teve sua origem na madeira do tronco da goiabeira que Raimundo plantou.

Quanto ao livro, pensou em escrever uma história infantil baseada em suas memórias. Mas o Bicho Feio surgia na escuridão de seu quarto em suas noites insones e a Bruxa Asa Negra lhe trouxe tanto medo, que nem a simples aventura de uma pequenina capivara ele conseguia escrever. Ainda tentou com muito suor empunhar sua velha caneta esferográfica e ir à luta. Mas a pequenina capivara, que não queria fazer parte da história de Raimundo, o derrotou com sua espadinha de papel.

Desistiu no início da primeira página. As palavras não conseguiam saltar de sua mente para a folha do caderno. E seu livro, cujo crescimento sonhara acompanhar, capítulo por capítulo, como se fosse um filho único, seria para sempre como sua vida.

Sua vida, um caderno comum com folhas de margens nunca ultrapassadas.

Um caderno pautado com folhas em branco.

PSEUDÔNIMO: FABY GOMES
IVANI ROMANO

AS ESTRELINHAS DE ANA

Ana é minha neta. Uma linda menina de um metro e pouco, olhos castanhos e cabelos longos e lisos. Está no quinto ano. É uma ótima aluna, e eu a levo e a busco todos os dias na escola. Sou seu fã número um.

Hoje, quando entrou no carro, deu-me um beijo e permaneceu em silêncio, o que não é comum para uma menina que gosta tanto de conversar. De repente, disse que teve aula de Ciências sobre um bichinho muito perigoso que não podemos enxergar.

— Você quer conversar sobre esse bichinho? Perguntei à Ana.

— Não, vô.

E permaneceu quieta até chegarmos em casa.

Entrou rapidamente, subiu as escadas correndo e foi para o banheiro tomar banho para se arrumar para o almoço, como de costume.

Depois do almoço, enquanto eu assistia ao noticiário no sofá, Ana chegou devagar, sentou-se ao meu lado, encostou a cabeça em meu ombro e perguntou:

— Vô, você sabe o que são os vírus?

— Sim. São aqueles bichinhos pequenos que você falou no carro. O que há eles?

— A gente só consegue vê-los no microscópio, né, vô?

— Isso mesmo. Mas por que você está preocupada com os vírus?

— É que eles transmitem doenças! Eu não quero ficar doente. Dá medo, né?

— Ana, eles podem transmitir gripe, sarampo, catapora e outras doenças. Você está vacinada, então não precisa se preocupar. Continue se alimentando bem, dormindo direito, lavando sempre as mãos, tomando banho e praticando sua dança e sua ginástica artística.

— Mas teve uma doença, há alguns anos, que uma amiga e um amigo falaram que matou muitas pessoas. Foi um vírus que fez isso. A doença tem um número no final. Você sabe qual é?

— Covid-19.

— Essa, vô! Como era?

Eu sabia que um dia esse assunto surgiria em nossas conversas. Apesar de querer evitá-lo pelo maior tempo que pudesse, esse momento finalmente chegou.

— Bom, o vírus apareceu primeiro muito longe daqui, na China. Depois foi se espalhando para outros países porque as pessoas viajavam de um lado para outro do mundo. Em pouco tempo, muitas pessoas ficaram

doentes. Parecia uma gripe muito forte.

— Puxaa... O professor disse que muitas pessoas morreram porque não conseguiam respirar. É verdade?

— Infelizmente, é verdade. Muitas pessoas viraram estrelas no céu para suas famílias. Naqueles dias, as pessoas não podiam sair de casa, a não ser quando fosse realmente necessário. Precisavam usar máscaras parecidas com as dos médicos e higienizar as mãos com álcool em gel. As escolas ficaram fechadas, muita gente passou a trabalhar em casa e até as compras que chegavam eram desinfetadas.

— Mas tinha gente entregando compras?

— Sim. Muitas pessoas continuaram trabalhando para atender quem estava em casa. Mas precisavam tomar todos os cuidados: lavar sempre as mãos, passar álcool em gel nas mãos e usar máscaras.

— Vô, é por isso que você tem álcool em gel na entrada de casa?

Suspirei e respondi que sim. Foi um tempo que gostaria de apagar, pois traz lembranças muito tristes que ainda carrego.

— O professor disse que fizeram a vacina para ninguém ficar mais doente. É verdade, vô?

— Isso mesmo! - respondi de forma firme e otimista, na esperança de encerrar a conversa rapidamente. — Ana, hoje é sexta-feira. Pegue seus livros e cadernos para fazermos juntos a lição de casa.

Ela se levantou. Caminhando pela sala, parou em frente à estante e observou atentamente as fotos da família e as olhou uma a uma. Então, fixou o olhar em uma fotografia. Voltou-se para mim e seus olhos entristecidos já anunciavam a pergunta que faria.

— Vô, foi esse vírus que fez a mamãe e a vovó virarem estrelinhas?

Com a voz embargada, respondi que sim. Ela correu para o sofá onde permanecia sentado, abraçou-me forte e as lágrimas escorreram pelos nossos rostos.

Faz onze anos que nossas estrelinhas subiram ao céu. Ana nunca as conheceu. Sua mãe contraiu a doença no hospital, logo após seu nascimento, e nunca mais voltou para casa.

Minha esposa, médica, também foi contaminada enquanto trabalhava no hospital, onde salvava vidas pouco antes do nascimento de nossa neta.

Hoje, onde quer que elas estejam, são as estrelinhas de Ana e minhas também.

PSEUDÔNIMO: ELIAS LUME
PEDRO ANTONIO AMADEU



CATEGORIA

Crônicas

PARTICIPANTES

Antonietta Montini De Níchile
Carlos Augusto Rosin
Débora Viana Venturine
Dulce Da Conceição Borges Dos Santos G. De Araujo
Evaldo Bartolomei Vidal
Glaucia Ely Nogueira
Isabella Lynch Mazanoff
Ivani Romano
Pedro Antonio Amadeu
Lucia Mara Palomo
Maria Cristina Castro Silveira
Mauro Iedo Imperatori
Maricy Elisabeth Montenegro
Oswaldo José Das Dores Neto
Sergio Henrique Do Amaral
Sophia Laurelli Massabni

1º LUGAR

O PARADOXO DA AGENDA VAZIA

A culpa costumava ser do relógio de ponto. Durante anos a desculpa para sumiços, para o café que esfriava na xícara ou para aquele abraço corrido na porta era sempre a mesma: "o serviço", o trânsito caótico e as reuniões longas que teimavam em avançar além do bom senso. A gente vivia herdando os restos do tempo, esperando o bendito dia em que o calendário finalmente sorrisse para nós.

O problema é que o calendário se aposentou, mas a gente continuou batendo o ponto.

Venho observando esse nó na cabeça das pessoas bem de perto, na mesa da cozinha e nas mensagens de WhatsApp. Minha mãe, por exemplo. Trabalhou a vida inteira e a aposentadoria dela deveria soar como um veraneio sem fim, um descanso merecido. Mas hoje? Ela ostenta uma agenda mais intransigente que a de um grande executivo. São compromissos intermináveis que surgem do nada, burocracias do dia a dia autoimpostas, exames, rituais e comprinhas urgentes. Tentar cavar um almoço de terça-feira com ela virou um evento que exige quase uma antecedência diplomática.

Com a minha esposa o roteiro se repete, só que em outro tom. Depois de anos dedicados a jornadas exaustivas e horas a fio de trabalho, o hiato do desemprego deveria, em tese, trazer o benefício da pausa. O direito de simplesmente não fazer nada e de estar ao meu lado sem pressa. Mas a falta de um crachá parece ter acionado um alarme invisível nela. Ela corre contra o vento de tarefas invisíveis, sempre sem tempo e sempre ocupada em estar ocupada, como se o ócio ou a simples disponibilidade fossem pecados capitais.

Descobri, olhando quem eu amo, que o tal do tempo livre virou uma armadilha psicológica das grandes. Quanto mais espaço as pessoas ganham na folha da agenda, menos disponíveis elas ficam de verdade. É como se a liberdade de mandar nas próprias horas gerasse o pânico do vazio, e a única salvação fosse preencher cada frestinha do dia com qualquer ruído de utilidade para se sentir vivo.

A verdade é que nós ganhamos o tempo, mas desaprendemos completamente como usufruí-lo. Estamos todos correndo, "sem tempo" para o que realmente importa. Inclusive eu agora. Enquanto escrevo estas linhas concentrado, tentando decifrar o mistério do relógio, ouço um "papai"

insistentemente vindo do corredor. É o meu filho de três anos, para quem tento dedicar cada segundo livre, mas que agora deixo esperando em nome de terminar este parágrafo.

Será que a falta de tempo não está, na verdade, dentro de todos nós e só percebemos quando olhamos de fora? Eu aqui, teorizando sobre a ausência de quem amo, ignorando o presente que me chama na sala de estar.

Deixo a caneta de lado. O tempo é o agora.

PSEUDÔNIMO: JAJA
OSWALDO JOSÉ DAS DORES NETO

2º LUGAR

EU O "DELIVERY"

Domingo, manhã de julho. Preguiçosamente, consulto o despertador. São nove horas. Que bom! Vou à janela e não enxergo os edifícios que compõem a paisagem do meu horizonte. Atribuo isso ao fato de estar sem os óculos. Mas, é engano. Estou com eles, pois pendurá-los nas orelhas e apoiá-los no nariz é a primeira coisa que faço, para não correr o risco de dar uma dolorida topada no pé da cama.

Trata-se de uma insidiosa garoa cobrindo essa indômita São Paulo que já fervilha, engolfada na lida diária. Que bom, outra vez! Estou aposentado e nada tenho a ver com isso.

Avalio as condições lá fora. A garoa é daquelas que molha e o vento cruzado inutiliza a proteção que o guarda-chuva possa dar. Não adianta tentar. Ela entra pelo vão dos óculos, pela folga do colarinho, pelos punhos da camisa. Um inferno! Ainda estou metido no pijama de flanela, meiões de lã e agasalhado com o robe também de flanela. Quentinho e confortável.

Que bom, novamente?

Não. O jantar foi fraco. Uma sopa leve e nada mais. Estou com fome e as provisões em casa são parcas, por desídia em fazer compras na véspera. Se quiser ter um café da manhã, terei que ir à padaria mais próxima e me contentar com um pingado e um pão francês besuntado com algo que tanto pode ser manteiga, quanto margarina sebosa. Que droga! Quero ter um café da manhã com dignidade.

Resolvo recorrer ao aplicativo "delivery" de entregas rápidas baixado no celular e encomendar um café da manhã padrão alto executivo de multinacional financeira, quando hospedado em hotel cinco estrelas. Entro no "site" de uma renomada padaria e faço o pedido: ovos mexidos com bacon e não muito secos, presunto magro, queijo fatiado, suco de laranja sem gelo e coado, torradas de brioche, salada de frutas frescas com raspas de limão siciliano, "kit" de mini potes com geleias de frutas sabores damasco, amora, framboesa, morango e laranja, manteiga sem sal, bisnagas doces sem creme e frutas cristalizadas, iogurte grego natural, café expresso duplo com leite e adoçante.

Feito e conferido o pedido, pelo aplicativo do celular pago o valor cobrado. Não indago sobre o tempo para a entrega, pois se trata de um "delivery express". Que erro!

Faço as minhas abluções matinais, verifico mais uma vez as condições

que, para a sua maior segurança, essa ligação pode estar sendo gravada. Para fazer pedido disque 1. Para efetuar pagamento, disque 2. Para obter informações sobre nossos produtos, disque 3 ou aguarde um dos nossos atendentes.

Aguardo.

Ouço uma interminável gravação do "Bolero de Ravel". Depois de dez minutos, a linha cai. Tento mais uma vez e ouço o sinal de linha ocupada. Desisto!

Mais vinte minutos de espera toca o interfone. É a entrega tão ansiosamente esperada. A portaria é eletrônica e devo descer para receber a encomenda. Enfio uma capa sobre o robe e desço.

Surpresa. O clima piorou e agora chove para valer. Corro até a guarita e o "bike-boy" faz a entrega de uma dezena de embalagens. Umas em sacolas, outras não.

Sufoco! Havia separado uma nota de cinco reais para a gorjeta. Mas, ao ver o jovem todo molhado e pingando água por todos os lados, sou tocado pelo bichinho chamado consciência. Guardo a azulzinha de cinco reais e entrego a ele uma abóbora de vinte reais. Ele agradece comovido e eu fico com aquele monte de embalagens, a carteira, o guarda-chuva nas mãos. Na memória, o seu sorriso agradecido.

Tiritando de frio, subo para o apartamento e afoitamente começo a abrir as embalagens. Os ovos mexidos estão ressecados, frios e com a gordura do bacon desenhando moldura em torno. O presunto é presuntada. O queijo fatiado é o mesmo usado para fazer "x-burger". O suco de laranja foi metade derramado na sacola de plástico. As torradas de brioche estão frias, mas comíveis. A salada de frutas está escurecida pela oxidação natural. O "kit" de mini potes de geleia e o iogurte estão intactos. As bisnagas doces estão ressecadas e as deixo de lado. Recorro ao café com leite.

Está gelado!

Desolação! Aqueço água numa caneca, faço um chá com um "sachê" comprado ano passado e encontrado no fundo de uma prateleira da copa. Devoro o que foi salvo daquele café da manhã cinco estrelas que havia planejado.

Fecho a janela e volto para a cama jurando: "delivery"? Nunca mais! Nem a pau, Juvenal!

PSEUDONIMO:BARNABÉ
MAURO IEDO IMPERATORI

3º LUGAR

UM LIVRO NA NUVEM

Como transformar um corpo feito de carne, veias e sangue em uma cópia dura, metálica ou pedregosa?

Como produzir um ser humano recheado de traumas, sentimentos e sonhos em um molde que após ser manuseado e acabado nenhuma emoção ou reação poderá externar?

Como conseguir transmitir em barro, argila ou pedra sabão a beleza estética da felicidade de um sorriso, da ironia de um olhar, do susto ou do medo para um corpo sem movimento, num ser estático que é um monumento?

As perguntas me vieram à mente, como marteladas, ao ver a estátua de Carolina Maria de Jesus numa praça em Parelheiros, distrito situado na zona sul de São Paulo. Foi aqui que ela viveu, num sítio, seus últimos anos.

Os leitores que seguem minhas crônicas semanais neste jornal devem estar se perguntando o que vim fazer em Parelheiros. Recordo a vocês que sou um andarilho, alguém que ama perambular pelos arredores da capital. Caminho, olho, paro e observo. Sou um olheiro, captador de imagens que depois na redação despejo, em forma de palavras, em minhas crônicas.

É com respeito que admiro a estátua de bronze da escritora, poeta, benzedeira que morou no que chamou de quarto de despejo e hoje se encontra instalada no meio de uma praça que é conhecida como a Sala de Visitas de Parelheiros.

Em seu diário de favelada nos contou em despretensiosos textos os seus temores e desassossegos de todos os dias. Em sua escrita simples, ela contava e quem a lia nada dizia, só a escutava. Hoje, transformada em escultura, sentada no seu trono de pedra na sala de visitas, é ela que escuta os desgostos e agruras de quem que por ali passa vem lhe contar.

O escultor, na sua arte, é um ser à parte. É alguém que tem o dom de eternizar numa rígida rocha a emoção que sentimos ao observá-la, seja numa praça ou numa sala de museu.

Néia Martins, a artista que criou Carolina, lhe deu um trono para sentar sem ostentação; e com ternura a vestiu com um terninho bordado de flores e a enfeitou com um colar de pérolas. Ao conhecido lenço amarrado na cabeça disse: não.

Não a colocou num pedestal. Não era necessário. Sua fragilidade já

transparece nos seus pés sem sapatos. Sem sapatos mas com dignidade seus pés tocam no duro chão de pedra. Dura foi sua vida e hoje não precisa de sapatos para pisar nas nuvens.

Assim como com o passar do tempo amadurecemos e perdemos a forma, o bronze que a cobre também se transformará. Daqui a um tempo se tornará esverdeado em alguns pontos sob a ação do sol e da chuva, e sua mão que escreveu poesia ficará dourada pelos muitos toques carinhosos de quem por ali passar para cumprimentá-la.

Catadora de papel que foi em vida, escrevia em cadernos e folhas de papel achados no lixo. Agora tem um caderno com as páginas abertas em seu colo, uma caneta entre os dedos. E olha para o céu com a cabeça erguida.

O que estará à procura ao dirigir seu olhar para o alto?

Penso que Carolina, que tem Maria e Jesus em seu nome, mantém os olhos voltados para o céu para escolher uma nuvem entre as que por ali passam. Uma nuvem bem branquinha onde possa para as próximas gerações seu livro armazenar.

PSEUDÔNIMO: FABY GOMES
IVANI ROMANO

MEU PAI

Era uma noite de premiações regada a um belíssimo jantar de gala! A nata do jornalismo e das mídias do rádio e da tv presentes. Os holofotes eram para o palco onde o primeiro dos homenageados fora chamado.

Era ele!!! Eu o via subir ao tablado embaixo de muitos aplausos indo ao encontro do seu troféu com a elegância dos humildes. "Melhor Cronista Esportivo do Ano", que merecimento.

Por dentro eu pensava, também caberia a de melhor jornalista, melhor redator, melhor comentarista tamanho eram seus predicados na fala e na escrita. Um comunicador nato!

Eu me sentia parte desse prêmio e conto aqui o porquê.

Tinha apenas oito anos e todos os dias, meu pai chegava ritualmente em casa pelas seis da tarde com seu jornal embaixo do braço. Eu já esperava na janela, e corria ávida para abraçá-lo me pendurando em suas cansadas pernas. Meus três irmãos jogavam bola na rua sem saída da vila que morávamos. Eu sabia que aquele era o tempo que eu tinha de tê-lo só para mim. Lá estava o sofá a nos esperar. Ele se jogava na horizontal e eu com seu jornal já em mãos, sentava-me ereta e compenetrada para dar início a minha nobre função de todas as tardes: ler para ele em voz alta, a sua própria crônica, agora já publicada. Vez em quando, fazia um ou outro comentário baixinho: "Acho que aí peguei pesado……..ou vou aprofundar melhor minha opinião sobre isto"

Era comum eu me deparar com palavras novas e que eu achava lindo conhecê-las. Herdei dele o fascínio pelas letras e seus significados

Pensava até onde elas nos levam, desde as simples informações até sonhos inimagináveis. Como são importantes, manifestam nosso pensar e dizer. Tínhamos uma biblioteca enorme, incompatível ao tamanho da casa, mas que representava o nosso sustento. Eram tantos os livros lidos e relidos. De Saint Exupery a Dostoiéviski. Ele dizia que um dia eu iria herdá-los! Sorria de olhos fechados quando eu interrompia a leitura para perguntar: - O que é rutilar pai? Rutilar é brilhar, resplandecer respondia com calma. Era nesse clima de conhecimento que chegava da cozinha o aroma do café de minha mãe. Ela gritava de la. Venham! O bolo está na mesa!

Os meninos já nos esperavam famintos e de mãos lavadas.

Agora eram eles querendo toda sua atenção, eu não teria vez.

Bagunceiros que eram, falavam todos ao mesmo tempo querendo con-

tar de tudo. Tinham casos e mais casos intermináveis

Levantei-me e fui me afastando lentamente para não ser percebida quando perguntaram-me repentinamente. Onde você vai???

Olhei para o meu pai, e sorri respondendo:

Vou até a varanda ver o "rutilar" das estrelas! Rutilar???

Sim, Olavo Bilac diz que podemos até ouvi-las….

Eles se entreolharam

Deu um breve silêncio…

Mesmo de longe, escutei a pergunta

O que tem essa menina???

Está cada dia mais estranha e distante……acho que ela está precisando de amigas!

PSEUDÔNIMO: KIKA
MARIA CRISTINA CASTRO SILVEIRA

O REENCONTRO

Helena e Marta, duas amigas que se conheceram nas salas de aula do projeto usp 60+, marcaram um encontro num café para uma conversa descontraída, porque, afinal, não se encontravam há uns 6 meses.

- Nossa, Helena, com você está bem? Corpo definido!

- Obrigada, Marta! São 6 meses de musculação e pilates, 5 vezes por semana, além de uma alimentação equilibrada.

- Seu bumbum está lindo!

- Muito agachamento, leg press, afundo, prancha, ponte, cadeira abdutora....Nem me fale.

- Interessante....

- Por quê?

- Porque o meu levou 4 minutos.

- Quatro minutos o quê, Marta?

- Para vestir a calcinha!

Helena revirou os olhos...

- Marta, isso é fraude!

- Fraude nada. É terceirização.

- Eu suei durante 6 meses.

- Eu suei durante 4 minutos tentando entrar nela...

- Não é a mesma coisa.

- O resultado, visto de costas, é muito parecido!

- Mas o meu é músculo!

- E o meu é espuma de alta tecnologia, e custou quase o valor de um mês da sua academia.

- Pelo menos o meu continua quando tiro a roupa!

- Ah, Helena, mas aí você apelou.

As duas riem e tomam um chocolate duplo.

- E quanto peso você levanta hoje, Helena?

- Quarenta quilos no leg press.

- Puxa! Com essa calcinha, eu levanto a minha auto estima. E sem academia ou personal trainer.

- Você é uma péssima influência, Marta.

- Mas, vou confessar, Marta. No início, eu comecei a musculação por estética. Agora, faço porque me sinto forte; subo escadas sem reclamar, carrego compras, levanto do sofá sem fazer barulho....

- Nossa! Então chegamos a um acordo.

- Qual, Marta?

- Sua musculação melhorou sua saúde, e minha calcinha melhorou minhas fotografias!

As duas gargalharam e levantaram as xícaras para um brinde.

- À musculação! À calcinha! E, principalmente ao fato de estarmos ainda discutindo bumbuns aos 65 anos!

- Sim, porque algumas pessoas envelhecem, outras apenas mudam de estratégia.

E as duas saem caminhando devagar pela calçada, uma com glúteos conquistados por centenas de agachamentos, a outra amparada pela engenharia têxtil moderna.

No fim, ambas carregando exatamente a mesma coisa: alguns anos a mais, algumas rugas a mais, muita experiência e uma saudável incapacidade de se levarem excessivamente a sério.

E talvez esse seja o verdadeiro segredo da juventude. Não o bumbum. O riso!

PSEUDÔNIMO: DIMITRI
LUCIA MARA PALOMO

A COPA NÃO É NOSSA

Mais uma vez o Brasil é eliminado de uma Copa do Mundo da Fifa. Desta vez pela Noruega nas oitavas de final. Bastou uma seleção europeia um pouco mais organizada para desbancar a fraca seleção do Brasil. O sonho do hexacampeonato terá que esperar mais quatro anos e, mesmo assim, será difícil se concretizar.

Uma decepção sem tamanho quando comparamos a seleção brasileira com a de Cabo Verde, que entrava em campo com garra e vontade de vencer. Atrevo-me a dizer que o salário de muitos de nossos jogadores, pagaria a metade do salário da seleção cabo-verdense, quiçá o salário integral da seleção haitiana. Não cito com desprezo essas duas seleções, mas sim com todo respeito pelo que apresentaram na Copa.

Desprezo foi o que a nossa seleção fez com o povo brasileiro, mostrando apatia, falta de vontade e garra para vencer. Pensaram que ao vestirem o "manto sagrado", como insistem em dizer alguns locutores, os onze que entraram em campo iriam ditar as regras de acordo com suas vontades, como outra equipe que atua em outros gramados conforme seus próprios interesses.

A cena mais patética foi o bate-boca do "menino Ney", que de menino não tem mais nada, e o goleiro norueguês. Será que o menino acreditava que viraria o jogo? Aliás, a seleção argentina protagonizou a cena mais ridícula e antidesportiva nessa Copa, ao ficar de costas enquanto a Espanha era consagrada Campeã. Nota menos dez!!

Todo aquele choro após o término da partida (inclusive com direito ao choro no meio de campo marca registrada nessa Copa) foi recompensado com o pagamento de um pouco mais de dois milhões de reais para cada jogador. Penso nos milhões que receberiam se tivessem conquistado a Copa.

Você, torcedor fanático, acompanhou a chegada da seleção em terras tupiniquins? Não, né? Sabe por que? Porque o avião veio somente com um jogador, que praticamente desembarcou despercebido no aeroporto. Os demais foram curtir suas férias; deram festa no dia seguinte. Foi a comemoração deles pelas suas merecidas férias, depois da brilhante atuação que nos proporcionaram.

Aqui faço um parêntese, pela consideração do astro do Real Madrid com a seleção brasileira, que foi embora direto do campo para suas férias após a derrota para a Noruega, sem voltar para a concentração para pegar

os seus pertences. Um exemplo negativo para as crianças e jovens que idolatram esses jogadores. Nota menos dez! Menos onze! Menos doze! Menos treze! Menos vinte e dois!...Para a seleção e seu escrete de mimados.

O futebol ainda une os brasileiros, hoje bem menos, é verdade, mas ainda são milhões que independente de classe social, situação financeira, grau de escolaridade ou outro tipo de classificação acreditam no hexa. Mas acreditam no Brasil?

Acreditam que nas nossas Copas diárias, fora dos gramados, longe da realidade dos nossos jogadores e das nossas autoridades, conseguiremos alcançar a vitória na segurança, na saúde, na educação, no saneamento básico…Será??

PSEUDÔNIMO: NELSON RODRIGUES
PEDRO ANTONIO AMADEU

DA JANELA LATERAL, EU ESCUTO O NADA.

Toda casa tem uma janela que sabe mais do que poderia. Que observa mais do que precisaria. Que repara mais do que deveria. Aqui não é diferente. Primeiro, ouvi umas gargalhadas, uma conversa sem sentido, às vezes mais complexa, até chegar na profundidade de um pires, de novo.

Resolvi ver o que era, e vinha de uma varanda do prédio ao lado, na casa daquela vizinha solitária, que raramente se veste com algo diferente de um roupão, velho, grande, onde ela se esconde.

Quase sempre, no meio da manhã, o rapaz chega. Acendem um cigarro, dois, sem café, sem água, sem uma taça de vinho, e sem pressa alguma. Segunda, terça, sexta, qualquer dia da semana, lá estão os dois, construindo uma amizade que parece ter sido do zero. A conversa é alta, pra quem quiser ouvir, e desde o primeiro encontro, vejo que a intimidade cresce. Não é intimidade de casal, tampouco de quem tem alguma pretensão de ser. É conversa de quem preenche vazios, ocupa espaços, desabafa ou busca um ouvido pra falar de suas aflições. E aos poucos, vão sabendo um pouco do outro. E eu também vou sabendo: “Eu sou assim, sempre perco a hora, não como nada de manhã...prefiro ir pra praia, detesto barata.” “Eu adoro dirigir...eu vi esse filme, não gosto de sertanejo”. “Tudo muito caro...quando eu era pequeno...”

Ele, claramente, um visitante. Alguém que por algum motivo a visita, várias vezes na semana. E veste um avental preto, com um bordado na frente que nem uma luneta poderia decifrar o que está escrito.

Ela, claramente, mora sozinha.

E, assim, três ou quatro vezes por semana, passam horas naquela varanda. E riem. Ainda bem que riem.

Mas falam tanto. Tanto. Mas tanto. Tão alto.

E pra quem trabalha em casa, isso é uma tortura. Não têm o que fazer? Como conseguem? Falar sobre trivialidades assim por horas, Sem o menor constrangimento? Sem compromisso? Sinceramente, isso não é possível! Amenidades numa segunda? Numa quarta-feira de manhã ter papo de elevador na varanda? Sem parar? Eu lá quero saber se vocês gostam de doce ou salgado?Nos meus dias de mau humor, tenho vontade de dar um grito: CALEM-SE!

Mas por que eu cortaria essa conversa? O que me incomoda? A carên-

cia? A falta do que fazer? A conversa sobre nada numa segunda-feira, às 11 horas? Ah, não! Deixa os dois pra lá, deixa as vozes, os risos. Vou tratar a minha curiosidade. Quem são eles? Que relação é essa? O que ele faz e por que usa o mesmo avental? Será que ele dá aula de pintura? De culinária? Será que é uma terapia nova? A terapia do avental?

Não importa a resposta.

Se não existe amor em "essepe", existe uma varanda, e nela, duas pessoas que se escutam.

PSEUDÔNIMO: IRIS DA JANELA
DÉBORA VIANA VENTURINE

CÉU DE DIAMANTES, PREVISÃO: ENCOBERTO.

Não há pesadelos na cidade. Já sei que o leitor soltou um pouco de ar pelo nariz, pois, na visão comum, não é bem assim se pensarmos por cinco segundos na afirmação. Mas lhe convido a pensar por um pouco mais do que isso.

Não há pesadelos na cidade. Como haveria de ter, se as luzes estão sempre acesas? Se o vizinho faz sapateado? Se o bilionário precisa chegar até a casa de final de semana? Afinal eles apenas fazem o usufruto do indiscutível direito de existir como cidadãos da metrópole. E, se o dogma da urbe fosse seguido à risca e de olhos abertos por aqueles que os buscam fechar, talvez estivessem mais satisfeitos com as próprias escolhas.

Uma vez bateram em minha janela, infelizmente não estava vestido apropriadamente para atender o – de certa maneira – esperado contato do mundo exterior. Foi descortês da minha parte fechar a porta, apagar a luz e não emitir nenhum som, mas espero que o visitante tenha me perdoado, na próxima passo um café. Desde aquele dia já não me preocupo mais com pesadelos. Quando qualquer ruído meramente similar interrompe minhas sequências noturnas, já me lembro daquele momento e fico tranquilo, porque com 100% de incerteza era o amigão da vizinhança, talvez até o cavaleiro das trevas se eu fosse minimamente interessante.

E se me permite roubar mais um minuto da sua noite eu te digo, nem sequer uma queda de árvore é capaz de trazer pesadelos. Por um momento a mente desavisada pode pensar: Só volta amanhã, não há mais nada a fazer a não ser tomar banho frio e dormir. Mas eu trago as notícias: A festa no estádio tem gerador, os aviões precisam pousar e a rua não se asfalta sozinha. Tecnicamente, luzes vermelhas ajudam aqueles que clamam por um pesadelo. Piscantes? Já não garanto. É pôr do sol o tempo todo.

Já ocupei tempo demais tentando me explicar, fique à vontade para se recolher e dormir, protegido por um céu de diamantes que jamais poderá ver. Talvez a reflexão repouse em seus pensamentos, peço desculpas se este for o caso, mas, se me permite, afirmo uma última vez, talvez de maneira pretensiosa: se a insônia instaurar-se, você ficará bravo comigo, pois minha afirmação tornar-se-á verdade. Não há pesadelos na cidade.

PSEUDÔNIMO: A. LIMA D.
ISABELLA LYNCH MAZANOFF

PERDAS

Conforme a idade foi avançando, me dei conta que a minha maior tristeza eram as perdas.

Não só, a perda da diminuição da capacidade física, das vontades, dos desejos mas principalmente dos seres humanos que fizeram parte da minha vida por tanto tempo.

Como faz falta ter um café com aquela amiga sempre presente ou porque ela já se foi fisicamente ou porque a demência senil ou o alzheimer tomou conta de suas lembranças.

Que tardes agradáveis, quantas risadas que as gafes ou aventuras da juventude nos faziam voltar a ser adolescentes.

Também dos fornecedores como Cláudio da feira que me separava as melhores verduras, ou o José do açougue que sabia que eu só levava o miolo do alcatra ou ainda a cida, aquela cabeleireira que sabia exatamente o corte para me deixar mais jovem.

Ah! As perdas...

Mas nem por isso devemos nos retrair e deixar que o saudosismo nos preencha.

Enquanto estivermos vivas e saudáveis, saibamos agradecer a deus e nos atualizarmos, ler, comparecer às reuniões, fazer novos amigos, nos exercitar fisicamente e nos adaptarmos aos novos comportamentos e tecnologias.

Nada de criticar os jovens de hoje, comparando-os com os do passado. Lembre-se, também já fomos jovens e não gostávamos de ser criticados.

Não se torne uma idosa ranzinza e chata. Uma velha!!!

Ao contrário, saiba ouvir os jovens e procure compreendê-los, só assim você os alcançará e será sempre uma companhia agradável. Talvez até poderá, com suas experiências de vida, sutilmente aconselhá-los.

Forme um grupo de amigos de idades variáveis, um café com bolo, um jogo de baralho, a discussão de um livro ou filme até uma conversa sobre futebol ou política podem tornar uma tarde assaz agradável.

Seja uma idosa participante da vida e as perdas provavelmente deixarão de ser tão importantes, apesar de sentidas.

A vida é para ser vivida, e o passado deve representar somente lições que lhe deram oportunidade de crescimento e maturidade.

Saiba aproveitar essas lições e viva o melhor que a vida tem a lhe oferecer.

PSEUDÔNIMO: UMA IDOSA PORRETA
ANTONIETTA MONTINI DE NICHILE

O RELÓGIO QUE CORRE MAIS RÁPIDO

Quando eu era criança, cinco minutos pareciam uma eternidade.

Cinco minutos esperando minha mãe terminar de conversar com uma vizinha eram intermináveis. Cinco minutos antes do recreio pareciam durar uma aula inteira. Até o dia do meu aniversário demorava uma vida para chegar.

Hoje, às vezes olho para o calendário e me assusto. Parece que foi ontem que o ano começou, e de repente já estamos falando em provas finais, férias e planos para o próximo semestre.

Foi então que comecei a desconfiar de uma coisa: existe um relógio que anda mais rápido do que todos os outros.

Ele não fica na parede da sala nem no pulso de ninguém. Também não faz mais "tic-tac". Esse relógio mora dentro de nós.

Na infância, ele caminha devagar. Temos tempo para brincar, inventar histórias, observar as nuvens e contar quantas estrelas aparecem no céu. Um único dia pode parecer cheio de aventuras.

Depois, sem que a gente perceba, esse relógio acelera.

As tarefas aumentam, os compromissos se acumulam e os dias começam a se parecer uns com os outros. Segunda-feira vira sexta em um piscar de olhos. O mês termina antes que a lista de objetivos seja concluída.

Outro dia encontrei uma caixa com fotografias antigas. Em uma delas, eu aparecia usando uma mochila maior do que o meu próprio corpo no primeiro dia de aula. Lembrei da ansiedade daquele momento, da vontade de crescer logo e de fazer tudo sozinho.

Hoje, olhando para aquela foto, achei engraçado. Eu queria tanto que o tempo passasse... e ele passou.

Talvez rápido demais.

Não acho que o relógio tenha mudado. Quem mudou fui eu.

Quando somos pequenos, esperamos que as coisas aconteçam. Quando crescemos, estamos sempre correndo atrás da próxima tarefa, da próxima meta ou do próximo compromisso. Enquanto pensamos no amanhã, o hoje vai ficando para trás.

Percebi isso em uma tarde comum. Estava tão preocupado com tudo o que ainda precisava fazer que nem reparei no pôr do sol pela janela. Só notei quando o céu já estava escuro.

Naquele momento, pensei em quantas pequenas coisas deixam de ser

vistas porque estamos sempre olhando para a hora.

É curioso. Vivemos dizendo que falta tempo, mas quase nunca perguntamos para onde ele foi. Talvez o relógio não esteja correndo mais rápido.

Talvez sejamos nós que passamos depressa demais pelos dias.

Desde então, continuo olhando as horas para não perder compromissos. Mas, de vez em quando, fecho o computador, guardo o celular e fico alguns minutos sem fazer nada além de observar o que acontece ao meu redor.

O relógio continua marcando o mesmo ritmo.

Quem muda, por alguns instantes, sou eu.

PSEUDÔNIMO: MARIA LUIZA
SOPHIA LAURELLI MASSABNI

DO AMOR NÃO MANIFESTO

Quero que me ames profundamente... e quero, de alguma forma, ter a certeza desse amor. É importante para mim.

Mas não me digas, não me reveles, ainda não. Quero que continues sendo o que és, somente um anseio e uma dúvida da minha mente e do meu coração.

Quero que se mantenha todo o mistério da incerteza e da ilusão, para não quebrar o encanto, a magia e o jogo que instigam os amantes.

Parece um anseio sem sentido, um mero capricho, uma certa tortura talvez. Pode até ser... Porém, é um elixir tão precioso, tão raro de encontrar, não se vende por aí, e provoca um certo torpor, uma certa embriaguez.

Fumaça de incenso que dança pelo ar, se vê e se sente, mas só enquanto queima, depois não se tem mais. Sorte dos que têm a sorte de encontrar, sem procurar o que é melhor, parece que assim se faz mais merecedor.

Ao mesmo tempo que meu segredo egóico revelo, me dá ganas de apagar ou de nunca ter escrito. Que loucura é essa de querer ter certeza de que se é amado sem querer ter a certeza absoluta desse amor? Amor absoluto, absoluto amor...

Será uma forma de penitência, um karma da alma? A alma tem karma? Que seja um karma de amor, então. Ao mesmo tempo que quero que fique só comigo, desejo compartilhá-lo, mas só para quem interessa, os outros não me importam saber.

Fazer com que seja sabido, para certificar que o amor nunca seja revelado e o feitiço jamais seja quebrado ou desfeito.E que seja um trabalho dos bons, daqueles que nem mãe de santo de renome tem o dom de quebrar. Quanta insanidade nesses dizeres! Mas mesmo assim continuo.

Quero que sejas como jogo inacabado, um enigma nunca desvendado – mas o que, afinal, não lembro mais? O amor falado e sabido. Em sendo assim, tornar-se-á um eterno sofrimento, uma dor tão doída que anestesia o peito e, de tão bruta, quase esgota a fonte desse amor. Por fim, corre-se o risco de até desistir dele.

Será melhor, então, enveredar pela paz da certeza revelada, a sentir na pele a agonia da incerteza torturante?

Por mais que eu tente não consigo a nenhuma conclusão chegar, de forma que assim esses dizeres irei deixar, sem ter nunca um terminar…

PSEUDÔNIMO: ZOE
GLAUCIA ELY NOGUEIRA

OUTUBRO ROSA

Todos os anos, na universidade onde trabalho, chega o Outubro Rosa. Profissionais da saúde falam sobre prevenção, a importância da mamografia, os tratamentos, as cirurgias. Algumas mulheres contam suas histórias de enfrentamento.

Durante muitos anos, eu apenas ouvia.

Até que um dia criei coragem para contar a minha.

Tudo começou com uma consulta de rotina. A médica olhou meus exames e disse: "Você precisa operar. É um câncer de mama."

Depois dessa frase, não ouvi mais nada.

Ela continuou explicando, mas minha audição havia sido tomada pelo medo. Minha vida parecia ter sido interrompida em poucas palavras.

Comecei uma peregrinação por consultórios. Consultei vários especialistas. Amigos bem-intencionados davam conselhos. Uma amiga chegou a dizer: "Venda o carro, mas opere com esse médico. Ele é muito famoso." Fui até ele, mas não me senti acolhida. Continuei procurando até encontrar um médico em quem senti confiança.

No dia da cirurgia veio o primeiro alívio. A biópsia realizada durante o procedimento deu resultado negativo. Não era câncer.

Minha família fez até um churrasco para comemorar.

Dez dias depois, a alegria desmoronou. O exame definitivo confirmou que havia, sim, um câncer de mama.

Como acreditar? Como aceitar dois resultados completamente diferentes?

Resolvi buscar outro laboratório.

O terceiro resultado foi ainda mais assustador: câncer invasivo. Segundo aquele laudo, eu deveria fazer quimioterapia.

Agora eu tinha três diagnósticos diferentes e nenhuma certeza.

Como católica, intensifiquei minhas orações. Assistia diariamente às missas do padre Marcelo, pedia proteção, saúde e discernimento. Ao mesmo tempo, aceitei todos os gestos de carinho que a vida me oferecia. Amigos me levaram ao centro espírita para receber passes, ao Solo Sagrado da Igreja Messiânica, à Renovação Carismática, à Fraternidade Branca e a outros lugares onde encontrei pessoas dispostas apenas a oferecer acolhimento.

Cada uma expressava sua fé de maneira diferente. Em todas encontrei o mesmo sentimento: amor.

Logo após a cirurgia, ainda despertando da anestesia, vi uma luz inten-

sa ao lado da minha cama. Para muitos, isso poderá parecer imaginação. Para mim, não foi.

Naquele instante senti, com absoluta certeza, a presença do meu pai ao meu lado. Não preciso convencer ninguém disso. Basta-me saber o que vivi.

Dias depois, outra intuição. Resolvi conversar com o médico extremamente atencioso que havia realizado minha mamografia. Expliquei os resultados contraditórios.

Ele me disse: — Leve essas lâminas para a doutora Filomena. Ela é especialista em anatomia patológica de câncer de mama. Quando até grandes laboratórios têm dúvidas, recorrem a ela.

Fui levando as lâminas e as lágrimas.

Quando ela me chamou, abriu as imagens no computador e explicou cada detalhe.

O diagnóstico do câncer invasivo estava errado.

As células haviam sido arrastadas pelo bisturi elétrico durante a cirurgia, produzindo uma falsa impressão de invasão. Meu câncer era "in situ".

Naquele instante compreendi que uma segunda opinião não havia apenas esclarecido um diagnóstico. Ela havia evitado que eu fosse submetida a uma quimioterapia desnecessária.

Até hoje agradeço profundamente por essa orientação.

Na semana anterior à cirurgia eu havia iniciado uma psicoterapia. Entrei sem grandes expectativas. Já tinha feito outros processos terapêuticos sem obter a ajuda pretendida.

Como eu estava enganada.

Nas primeiras sessões, utilizando hipnose e Programação Neurolinguística, comecei a resolver conflitos antigos e a olhar para mim de uma maneira completamente diferente.

Uma médica chegou a comentar: — Maricy, você tinha um rosto tão angustiado... Agora está diferente.

Outras pessoas perguntavam: — O que você está fazendo? Você está tão bonita!

Não era maquiagem. Era transformação.

Durante a radioterapia continuei vivendo. Lia livros que esperavam a muito tempo na estante. Fui ao MASP visitar uma exposição de pintura. Estava de licença da Universidade, mas continuava atendendo meus pacientes e dando aulas de artes para crianças.

Minha psicóloga comentou um dia: — Muita gente termina a radioterapia e vai para casa chorar.

Sorri e respondi: — Eu prefiro passear.

Talvez tenha sido essa uma das maiores mudanças que o câncer me trouxe: perceber que a vida não precisa ser colocada entre parênteses enquanto enfrentamos uma doença.

Também vivi experiências espirituais que guardo com carinho. Certa tarde, deitada no sofá após uma sessão de radioterapia, senti uma mão acariciando suavemente meus cabelos. Em outro momento, enquanto aguardava o tratamento, tive a nítida sensação da presença de dois anjos atrás de mim.

Não espero que todos interpretem essas experiências da mesma forma.

Mas elas me sustentaram.

Assim como me sustentaram as sete amigas que caminharam ao meu lado, minha família, meu médico, minha psicóloga e tantas pessoas que, de diferentes maneiras, me ofereceram cuidado.

Curiosamente, frequentei apenas duas reuniões de mulheres com câncer de mama. Não consegui continuar. Havia muita tristeza naquele ambiente. Eu respeitava a dor de cada uma, mas sentia que precisava alimentar outra energia: a esperança.

Hoje, vinte anos depois, continuo aqui.

Sem quimioterapia. Sem cicatrizes aparentes.

Com apenas a lembrança de um pequeno nódulo retirado.

Mas, principalmente, com uma vida transformada.

Aprendi que a medicina salva vidas, mas também pode errar. Aprendi a importância de fazer perguntas, buscar outras opiniões e participar das decisões sobre o próprio tratamento.

Aprendi que a gratidão pode ser tão intensa que quase dói. Ainda hoje me emociono ao lembrar do sentimento que tive pelo médico que me operou. Nunca experimentei uma gratidão tão profunda.

E aprendi algo que levo comigo em todas as palestras do Outubro Rosa: é possível atravessar uma doença grave sem deixar que ela roube nossa capacidade de enxergar beleza.

Se hoje conto essa história, não é para falar apenas do câncer.

É para falar da luz que encontrei justamente quando tudo parecia escuro.

Porque, às vezes, é no momento em que acreditamos estar perdendo o chão que descobrimos quantas mãos invisíveis e visíveis nos sustentam.

PSEUDÔNIMO: MAR E SOL
MARICY ELISABETH MONTENEGRO

A BALA DOS SANTOS

Mais uma vez eu entrava naquele apartamento, onde fui tão feliz. Ali as melhores risadas ganhavam vida e o cheiro de quitutes deliciosos tomava o ar, fosse dia ou noite. Foi lá, também, que eu enfrentei as primeiras tentações: roubar ou não as balas que estavam diante da figura de São Cosme e Damião, confessar ou não para meus pais que eu tomei dois, vejam bem, dois iogurtes de morango em vez do único que me era permitido.

Era um apartamento pequeno, dois quartos, um banheiro, uma sala pequena, que de algum modo sempre se ampliava para comportar mais uma pessoa para comer aquela macarronada de domingo. E não era qualquer massa, era a massa feita em casa com receita de família, diretamente da Calábria.

Um apartamento impecavelmente limpo e arrumado, mesmo eles não tendo ajuda na sua manutenção. As diversas gavetinhas do aparador da sala, cada uma com um propósito específico, repletas de histórias. Lembro-me bem da primeira, logo abaixo do telefone antigo, daqueles de discar. Nessa gaveta existiam alguns lápis, borracha e dois caderninhos: uma agenda telefônica, com o telefone de todas as pessoas da família, vizinho, restaurantes, o rapaz da feira, a cabeleireira, a filha da cabeleireira, por que não, e qualquer outra pessoa que trocasse um sorriso sincero e alguns minutos de prosa com eles; o outro um caderninho de aniversários. Esse era o mais importante, pois fazia parte do ritual matinal. Toda manhã, logo após coar um perfumado café, checava-se no caderninho se alguém fazia aniversário. Se fosse o caso, ligavam para a pessoa, para desejar parabéns. Puro carinho, afeto, zelo... não algo protocolar como uma mensagem via whatsapp.

Esse era o apartamento dos meus avós. O melhor lugar do mundo para estar. Nada se compara à casa dos avós. Era assim que eu pensava, até aquele dia.

Logo ao entrar, notava-se que o ambiente estava pesado. Não havia mais aquela leveza, nem o frescor de antes. Os santos sem bala e empoeirados. Escutava-se um soluçar distante, de um dos quartos, que estava com a porta entreaberta. Nele, um homem chorava e era consolado por uma jovem moça vestida de branco. Eles não me viram e segui para o outro quarto, que estava de porta fechada. Coloquei a mão na fechadura e hesitei. Pensei se deveria, se conseguiria abri-la. Porém, fazê-lo era inevitável. Logo que abri aquela, percebi que fechava outra. A porta que me transportava

para a minha infância feliz fechava-se de vez, pensava eu.

Entrei e vi minha avó ali, deitada, gemente, certamente sentindo muita dor por conta das cirurgias, da radioterapia, das sondas, drenos e sonhos partidos. Foram cerca de três anos de esperança e angústia. Ela não tinha mais perspectiva de melhora, nem tampouco algum tipo de tratamento a ser feito. Só restava a ela conforto e manter a dignidade. A mim, entretanto, restava concordar com a proposta da equipe médica de aumentar a dose dos analgésicos e poupá-la daquela agonia, aceitando que o preço de seu descanso poderia também abreviar nosso tempo com ela.

Como médico, não havia qualquer dúvida do que deveria ser feito. Todas as evidências deixavam claro que a conduta deveria ser tomada. Porém, como neto, havia o medo. Medo de perder alguém que só me amou, de esquecer tantos momentos felizes, de reconhecer que, fatalmente, tudo tem um fim. Havia também o peso da responsabilidade, afinal coube ao médico da família a decisão. Assim, eu ali com meus trinta e poucos anos, o fiz. E assim, horas depois, ela partiu.

Hoje, eu entendo que tudo que eu perdi naquele dia foi aquilo que não era importante. Perdi o cafuné, o sorriso fácil, o jogo de buraco até de madrugada e algumas friturinhas. Entretanto, percebo que algo ficou. Um sentimento que estava ali, disfarçado por entre os abraços, palavras, receitas e sorrisos. Que era a essência de tudo, presente até mesmo no caderninho de aniversários, e que continuará existindo para sempre.

Minha avó me ensinou a amar, a querer bem, a saber ser amado e a enxergar a beleza de ser assim. Esse amor, essência de todos os seus atos, me traz a certeza de que nada se perde de verdade. Parafraseando o poeta, a morte é somente uma curva. Nenhuma porta verdadeiramente se fecha. Eu, vó, não preciso mais te ver para poder amar.

PSEUDÔNIMO: S. ALBUQUERQUE
SERGIO HENRIQUE DO AMARAL

TARDE AZUL

Era a tarde de um sábado, de calor e céu límpido.

No entanto, quando se aproximam do final do ano, os dias tomam formatos e dinâmicas diferentes, nos movendo, nos impulsionando para finalizarmos compromissos, firmarmos amizades, nos reconhecermos pertencentes a determinados grupos, na maioria das vezes com percursos e lugares habitualmente novos.

Chego a pensar que os novembros têm histórias e vontades próprias, exigindo a apresentação de nossa identidade, nos papéis que exercemos.

Além do mais, também estava prestes a me submeter a uma avaliação formal de um curso anual, sem a ansiedade de outros tempos pela certeza do que se fez. À esta tranquilidade e firmeza, alguns até chamam de experiência, que só a prática, o esforço e os anos trazem.

Envelhecer carece de alguma vantagem, digo sussurrando e esboçando um sorriso de ironia e condescendência.

Hora prevista para me encaminhar ao compromisso, lá fui eu de metrô, não por acaso utilizando a linha azul da cidade de São Paulo. Ao entrar em um dos vagões, vejo uma moça loira sentada, bonita, de boina, vestido e sapatos baixos, todos da cor azul, com lenço no pescoço e meias três quarto brancas. Seus olhos também eram azuis claros.

A sua postura, o corte da roupa e os detalhes eram perfeitos, não deixando margem para se pensar em má educação, fantasia ou roupa adaptada sem o perfeccionismo de hábil costureira ou exigente e vaidosa mulher.

Absorta, lia um livro de Balzac, sendo que não pude identificar qual a obra deste autor francês.

O certo: a moça de azul era também uma balzaquiana e mesmo com a multiplicidade do contexto desta cidade, horário e período citado, a sua presença destoava, me levando a pensar que ela entrara no túnel do tempo nos anos sessenta do século passado e por aqui pousara.

Ironia para o meu imaginário, uma vez que Balzac foi o fundador do realismo?

O trem prosseguia veloz como sempre, anunciando estações que eram ouvidas somente por quem desembarcava, com o vaivém dos usuários e nada tirava a atenção da leitura pela loira azul.

Eu a olhava constantemente e discretamente, imaginando o porquê deste estilo e sua importância, ficando apenas com a surpresa e a impossibi-

lidade de penetrar naquele outro mundo.

Maus olhos ou indevida curiosidade?

No entanto, mesmo sem freios pela autocrítica, notei que se apresentava mais uma certeza e acima da sua indiferença: ela me transmitia calma, através dos poucos gestos leves ao folhear o livro e movimentar a cabeça, bem como do próprio tom de azul que a envolvia como uma aura.

Após tantos entrares e saíres, paramos na mesma estação e nos encaminhamos para única saída. Eu a acompanhei de longe, através das escadas rolantes e nosso caminhar, sendo que minha mente continuava a fazer perguntas sem respostas: o que a motiva, qual o brilho e razão na forma de vestir, vive um personagem, apenas a cor é que transmite esta paz?

Passada a barreira das catracas, nos encaminhamos também para a mesma direção. Novo trecho e outra escada rolante, nos levando até uma das saídas da Praça da Sé e ela sempre à minha frente, cerca de 20 metros.

Intrigante... Continuava a me questionar, sem desenvolver qualquer história ou ponto que me trouxesse tranquilidade ou até mesmo aceitar como um fato habitual de uma megalópole, por um observador atento.

A moça azul se direciona à Avenida Liberdade, atravessando as ruas, cruzando semáforos e se distanciando cada vez mais, pois a partir de um determinado ponto nossos caminhos se modificaram.

No entanto, e sempre atento, vejo-a ainda no horizonte.

Não a perdi, digo a mim mesmo, mais contente do que tranquilo com essa evidência.

De repente a moça azul começa a elevar-se do chão e sua imagem se funde ao azul do céu, desaparecendo lentamente, tornando-se diáfana sobre os carros, entre os prédios e sem o registro de câmeras.

A moça azul é agora parte do firmamento na tarde de um especial sábado, deixando-me ainda mais atônito e com os afazeres de um mortal.

Fui aprovado no curso, mas a moça azul não sai do meu pensamento, com um esboço de sorriso.

Delírio?

Presságio?

Ah... , o desejo…

PSEUDÔNIMO: AUGUSTO PINHEIRO
CARLOS AUGUSTO ROSIN

O PRIMEIRO VESTIDO BRANCO

Na formatura do Primário, aos 10 anos de idade, todas as meninas deveriam usar vestidos brancos.

A menina, toda contente, vai com a mãe, à loja de tecidos; procura um que lhe agrade; escolhe um nylon, off white [branco perolado] com desenhos em alto relevo, aveludados, na mesma cor do tecido. Já tem uma ideia do modelo que deseja.

Ao chegar em casa, começa a desenhar; inspira-se em modelos, com características orientais, que tanto apreciou, usados por personagens de filmes de cinema: corpinho ajustado, golinha chinesa [estilo Mao], manguinha japonesa, saia godê, uma longa faixa de quatro centímetros de largura, passando pela cintura e amarrada atrás, em gracioso laço, com longas pontas caindo até o comprimento do vestido; nas costas, uma longa abertura, fechada por minúsculos botões, perolados.

Feito o desenho, mãe e filha vão à oficina da costureira, Dona Andréia, profissional conhecida por sua alta competência em confecção e que também se dedicava a ensinar...

Ao abrir o tecido sobre uma mesa, exclamou:

Ah! É um tecido adamascado!

A menina aprendeu, então, que aquele estilo de estampa, em relevo aveludado, assim era chamado, o que indicava, a origem.

E qual vai ser o modelo?

Timidamente, a menina apresentou o desenho, que, após bem observado pela costureira, inicia-se um diálogo, entre ambas, a fim de se esclarecer detalhes, não visíveis no desenho: altura da golinha, comprimento da manguinha, altura da saia, largura e comprimento da faixa, tipo de abertura nas costas, modelo de botões....

Tudo combinado e entendido, foi marcado o dia da primeira prova para duas semanas após.

Ansiosamente, foi aguardado esse dia.

Finalmente, o dia chegou.

A costureira apresentou o vestido semiacabado, aguardando a prova, para ser finalizado; ajudou a vestir, observou os ajustes necessários, quanto a comprimento, largura, caimento... fez as marcações para os devidos ajustes.

Pode vir buscá-lo na próxima semana, que estará prontinho!

A menina saiu muito feliz, ja se imaginando, no dia da formatura,

subindo ao palco, para receber o diploma das mãos da professora....com seu lindo vestido.

Muitos anos se passaram....

Revendo a foto da formatura, todas estas memórias tomaram de assalto o pensamento da agora, adulta ...rápidas como o cair de um raio, nítidas como a água de um córrego limpo e transparente... memórias esquecidas de seu mundo de criança, que antecipava, que já revelava a adolescente, a jovem, a adulta, a idosa de hoje.

Muitos anos se passaram...mas as mesmas emoções afloraram... o mesmo sentimento, a mesma sensação de se perceber como capaz de criar, de realizar, o que foi, a princípio, apenas uma ideia, um desejo.

Entretanto... a história não fica completa, sem o justo reconhecimento do papel da mãe e da costureira, que permitiram que essa criança tivesse completa liberdade de realizar a sua ideia. Acolheram, acreditaram, aprovaram. Só hoje isto está claro, é percebido.

Com a lembrança da história deste vestido, outras foram acesas, de outros vestidos, em outros contextos, ao longo da vida. Que merecem ser contadas.

Fica para outra vez.

PSEUDÔNIMO: VIAGENS

DULCE DA CONCEIÇÃO BORGES DOS SANTOS GOMES DE ARAUJO

O RECONFORTO DO LAR

O retorno para a casa, após um dia proveitoso de trabalho, carrega sempre a promessa silenciosa de descanso. No carro, ainda trago comigo a sensação de dever cumprido – consultas produtivas, atendimentos resolvidos, conversas difíceis conduzidas com cuidado, diagnósticos que trouxeram alívio, outros que exigiram delicadeza, pequenas vitórias que só quem vive a rotina de um hospital reconhece. Ligo o som no carro e escolho uma música suave, tentando prolongar a serenidade que o dia me solicitou.

Por alguns minutos, tudo parece em harmonia.

Mas, a cidade logo se impõe.

O trânsito se adensa e transforma as avenidas em longos corredores imóveis. As inúmeras motocicletas passam rapidamente pelos estreitos espaços, com seus bipes curtos e repetidos. O sinal abre e fecha sem que se avance mais do que alguns metros.

Entre os carros surgem os vendedores ambulantes. Caminham com uma habilidade admirável entre os para-choques e retrovisores, oferendo água, doces, panos de limpeza, flores. Não vendem apenas objetos; vendem a esperança de que aquele semáforo fechado represente mais uma oportunidade de levar sustento para casa

Observo ao redor e a desigualdade social se apresenta sem disfarces. Carros de luxo, ocupados por uma única pessoa, contrastam com ônibus lotados, onde rostos cansados se comprimem ao final de mais um dia de trabalho.

De repente, um movimento brusco interrompe o fluxo lento. Um homem quebra o vidro de um carro e leva um celular em segundos. O susto é coletivo, mas breve. O trânsito não para. A cidade segue, como se a urgência fosse permanente; absorve o episódio com a assustadora naturalidade de quem já se acostumou ao extraordinário.

Quando finalmente chego em casa, o cansaço já não é apenas fadiga física. É também emocional – um cansaço silencioso, acumulado ao longo de encontros, responsabilidades e expectativas.

Abro a porta.

Meu gato Dimitri me recebe com a serenidade de quem não conhece pressa. Aproxima-se, feliz, como se a minha chegada fosse a coisa mais importante do dia. Nenhuma cobrança, nenhuma expectativa. Apenas a alegria genuína da presença. Nesse instante simples, a cidade fica distante.

O ritmo desacelera. A respiração se reorganiza. É curioso como um gesto tão pequeno pode reorganizar um dia inteiro.

Depois, o banho. Não apenas para lavar o corpo, mas para lavar também a alma. A água cai, e com ela, o ruído da cidade, as imagens do trânsito, as histórias do hospital...aos poucos, a paz de estar em casa se estabelece.

Lá fora, a cidade continua em movimento.

Aqui dentro, reencontro o essencial: a pausa necessária para, amanhã, voltar à cidade.

PSEUDÔNIMO: TEDDY
EVALDO BARTOLOMEI VIDAL



CATEGORIA

Poesia

PARTICIPANTES

Carlos Augusto Rosin
Célia De Mello Chueire
Eneida Terezinha Franco Tolesano
Felipe Faria Da Cruz
Ivani Romano
Maricy Elisabeth Montenegro
Pedro Antonio Amadeu
Laura Karam Delbim Ricci

1º LUGAR

INSPIRAÇÃO

Uma fagulha,
palavra ou pensamento,
acende,
ascende
a poesia.
Revive-se assim uma ideia,
sem plágio, fórmula ou magia.

Um raio,
tempestade ou chuva mansa,
livre,
lavra
o poema.

Renasce assim o poeta,
sem espera, ânsia ou teorema.

Um chamamento,
verbo ou compromisso,
alude,
ilude
o sentido.

Repousa assim o menino,
sem dar-se conta das horas ou afazeres.
Ungido...

PSEUDÔNIMO: AUGUSTO PINHEIRO
CARLOS AUGUSTO ROSIN

2° LUGAR

POEMA LÓGICO

Cansei de falar de flores
de rimar dores com favores
Quero tirar férias das palavras.
São elas que atrapalham meu sono,
soltas no meu pensar
fugitivas rebeldes
das preposições, das conjunções
que não as conseguem ligar.
Não quero falar de rosas.
Quero trocar por números,
por meros números,
as palavras numerosas.

Em primeiro lugar
para minha nova etapa começar
vou visitar Umberto.
Meu primo para mim é um número
Só toma refrigerante zero.
No seu prédio subo ao segundo andar
Segundo o que me disseram
meu primo mora lá.
Quero devolver o terço
que para uma novena rezar
usei na terça-feira.
Erro! Será que mora no terceiro?
Uso meu sexto sentido
e subo até os quintos.
Aqui está muito quente. Desço mais.
No quarto andar procuro seu quarto
O que ele estará fazendo?
Vendo na tv algo da sétima arte?
Um jogo das oitavas de final?
Eu o encontro na cozinha

tomando uma sopa de letrinhas!

Ah! Letrinhas meigas e saborosas...
Teriam sabor de rosas?
Volto à estaca zero
ao meu primeiro amor.
Vou falar de céu e mar
Menos lógica e mais lágrimas
Vou voltar a poemar.
Palavras amadas, peço perdão
Me sinto sem vocês para falar de minha traição
Além do mais, se não me deixam dormir
Pelo menos vocês me fazem sonhar

PSEUDÔNIMO: FABY GOMES
IVANI ROMANO

3° LUGAR

O PIOR POETA DO MUNDO

Não sou cantor das musas nem da lira,
Nem gênio exímio a versejar profundo;
Sou sombra vã que, tímida, suspira —
O mais infame dos poetas do mundo.

Não sei vestir em rimas o que sinto,
Nem dar à dor um nobre tom distinto...
Busco no verso um tempo — e ele desaba;
Pois minha pena falha onde há palavras.

Viver, quiçá, é a arte mais completa
Que o próprio verso em métrica perfeita;
E o verbo é vão se a vida se contradiz.

Se tento amar por rimas, erro em tudo,
E a lira em mim soluça e se faz muda —
A arte me escapa... e o mundo se desdiz.

PSEUDÔNIMO: KAIRÓS VÉSPER
FELIPE FARIA DA CRUZ

INFANTOJUVENIL – EXPECTATIVAS

não nos ouvem e querem que saibamos cantar
nos jogam de um precipício e nos mandam voar
não somos inúteis, preguiçosos, folgados
nunca tivemos ninguém para ficar do nosso lado
crescemos e continuamos o ciclo de pressão e ansiedade,
de montanhas de areia que caem com facilidade,
de mãos estendidas que são retiradas,
de sonhos que viram expectativas falhadas,
de metas altas fora do nosso alcance,
escorregando pela montanha, às vemos de relance
ficam sentados no chão, acenando com a mão
enquanto a pedra de Sísifo corre em nossa direção
escalamos
escalamos
escalamos
escalamos
ninguém nunca chegou perto, porque ainda tentamos?
escalamos
escalamos
escalamos
escalamos
se não avançarmos não estamos nos esforçando

quero saber se cheguei
estou quase alcançando,
se não fizer isso, vou acabar decepcionando
eu preciso chegar
mais alto mirar
nunca posso parar
pelo amor de deus alguém me diga se estou quase lá

PSEUDÔNIMO: DAFNE
LAURA KARAM DELBOM RICCI

O JULGAMENTO DE JOCA

Joca é de família tradicional,
Malandro e astuto,
Deixou de lado o estudo;
Conseguia dinheiro com sua lábia natural.

Ah, Joca! Até que enfim chegou.
Demorou, mas o tempo passou.
Por maldade e falta da verdade,
Desvio de caráter e desonestidade.

Você aqui ascendeu,
Mas tu sabes que esse lugar não é seu.
Não fostes uma santidade,
Nunca gostou da verdade.

Teve a oportunidade de melhorar,
Mas fez de tudo para se vangloriar.
Enganou, trapaceou, extorquiu e corrompeu;
Agora chora dizendo que se arrependeu.

Ah, Joca! Até aqui chegar,
Vivia a se gabar.
Sonhava com grana e poder,
Mas agora, é hora de descer.

Ficará na escuridão,
Sentirá solidão,
Recordará dos seus pecados,
Para que sejam um dia apagados.

Só então a luz surgirá,
Quem sabe ela lhe mostrará
Qual será o seu lugar,
Para você poder chamar de lar.

PSEUDÔNIMO: GREGÓRIO DE MATOS
PEDRO ANTONIO AMADEU

O APRENDIZ

Vou abrir meu coração
Vou me libertar do passado
e soltar minha ternura
reaprender o presente correr livre no espaço
lavar o coração magoado
liberto da amargura mergulhando na Nascente
sem tristezas nem cansaço
pôr na alma uma canção

Vou pintar meu mundo a cores
Vou resgatar o meu ser
com meus sonhos navegar
alumiar minha estrada
colher mais de mil flores
mais uma vez renascer
outras tantas semear
e prosseguir na jornada

Vou abrir todas as portas
Vou, no rosto um traço feliz
varrer todos os cantos
no peito o desejo e ardor
jogar fora as folhas mortas
deste eterno, aprendiz:
redescobrir meus encantos
amar, e só amar o Amor!

Vou olhar nos olhos do medo
e do escuro não fugir
nos mistérios e segredos
deixar a vida prosseguir

PSEUDÔNIMO: YAYÁ
CÉLIA DE MELLO CHUEIRE

SERRA DA MANTIQUEIRA

Na Serra da Mantiqueira eu vou sempre que possível,
Olhar tucanos e flores
Macaúbas saborear,
Respirar o ar invisível
Ver a montanha atraente,
E o céu mais azul do planeta.
Na Serra da Mantiqueira eu fico e não quero voltar.
Esqueço o passado tristonho,
Mergulho na natureza,
Nas cores da borboleta,
Nas surpresas do presente,
E vou criando raízes
Como se fosse um sonho.
O sol me afaga a alma,
O vento me faz cantar,
E se vem chuva, me acalma.
Na Serra da Mantiqueira no futuro eu vou morar,
Em uma casinha pequena,
Com cerca pintada de branco,
Algumas galinhas de Angola,
Um cachorro e um papagaio.
Nada para deslumbrar,
Nem para capa de revista.
Apenas meu lar-doce-lar
Na cidade preferida:
SÃO JOÃO DA BOA VISTA!

PSEUDÔNIMO: CRISTAL
ENEIDA TEREZINHA FRANCO TOLESANO

DESPERTAR

O que é, é.
O que há, há.
Disfarço o medo.
O que eu sou, mesmo?

A voz na minha cabeça
me atormenta:
Você não consegue.
Você não pode.
Você não quer.

Há tanto tempo...

A verdade?
Não há ilusão.
Corpo e mente.
Sim, mente.

E o meu eu verdadeiro?

Disfarço o medo.
Não o enfrento.

O que é, é.
O que há, há.
O passado não é.
O futuro ainda não há.

Então,
me apresento ao presente.
O que é, é.
O que há, há.
E o que há
além do corpo e da mente?

O despertar.

PSEUDONIMO: MAR E SOL
MARICY ELISABETH MONTENEGRO



Presidente
Gen Bda Manoel Morata Almeida

Vice Presidente
Gen Div Antonio dos Santos Guerra

Diretora Cultural
Claudia Chaves de Carvalho

Diretora Adjunto Cultural
Regina Barcha Virionis

Assessora da Biblioteca Brig do Ar Ivo de Almeida Prado Xavier
Anna Lucilia Prado Martuscelli

Bibliotecária
Denise Felix dos Santos

Equipe de Apoio Cultural
Luiz Antonio da Silva
Mariana Miranda
Rodolfo Rogério da Silva

Equipe de Apoio
Adriana Silva (Gestora em Marketing)
Beatriz Lopes (Coordenadora de Eventos)
Claudinei Barbosa Souza (Técnico de Som e Iluminação)
Claudemir Pires (Fotógrafo)
Laryssa Suellen Alves (Eventos)
Lucas Costa (Técnico de Som e Iluminação)
Michele Nascimento (Mestre de Cerimônia)
Pablo Henrique (Técnico de som e iluminação)

Círculo Militar de São Paulo
Rua Abílio Soares, 1589 - Paraiso
circulomilitar.org.br